



UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS-UFAL
CAMPUS DO SERTÃO
LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA

CIDILAINÉ CARVALHO DA SILVA

**A SITUAÇÃO EDUCACIONAL E LINGUÍSTICA DOS ESTUDANTES SURDOS DA
CIDADE DE PARICONHA-AL**

Delmiro Gouveia/AL

2020

CIDILAINÉ CARVALHO DA SILVA

**A SITUAÇÃO EDUCACIONAL E LINGUÍSTICA DOS ESTUDANTES SURDOS DA
CIDADE DE PARICONHA-AL**

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC),
apresentado ao curso de licenciatura em
Pedagogia, da Universidade Federal de Alagoas -
Campus do Sertão, como requisito parcial para
obtenção do título de licenciada em Pedagogia.

Orientador: Prof. Msc. Cristiano das Neves Vilela.

Delmiro Gouveia/AL

2020

Catálogo na fonte
Universidade Federal de Alagoas
Biblioteca do Campus Sertão
Sede Delmiro Gouveia

Bibliotecária responsável: Renata Oliveira de Souza CRB-4/2209

S586s Silva, Cidilaine Carvalho da

A situação educacional e linguística dos estudantes surdos da cidade de Pariconha - AL / Cidilaine Carvalho da Silva. - 2020.
67 f. : il.

Orientação: Cristiano das Neves Vilela.
Monografia (Pedagogia) – Universidade Federal de Alagoas.
Curso de Pedagogia. Delmiro Gouveia, 2020.

1. Educação especial. 2. Educação de surdos. 3. Língua Brasileira de Sinais – LIBRAS. 4. Surdos. 5. Ensino e aprendizagem
I. Vilela, Cristiano das Neves. II. Título.

CDU: 376

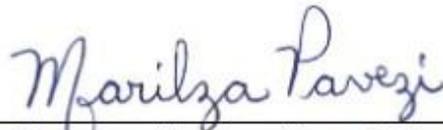
Folha de Aprovação

CIDILAINÉ CARVALHO DA SILVA

**A SITUAÇÃO EDUCACIONAL E LINGUÍSTICA DOS ESTUDANTES SURDOS DA
CIDADE DE PARICONHA-AL**

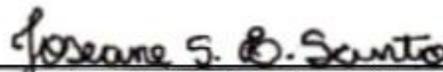
Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), apresentado ao curso de licenciatura em Pedagogia, da Universidade Federal de Alagoas- Campus do Sertão, como requisito parcial para obtenção do título de licenciada em Pedagogia.

APROVADO EM: 25 de Setembro de 2020

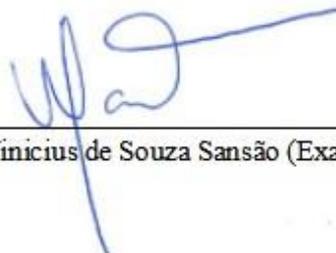


Profa. Dra. Marilza Pavezi (Examinador Interno)

Banca Examinadora:



Profa. Msc. Joseane dos Santos do Espírito Santo (Examinador Externo)



Prof. Msc. Welbert Vinicius de Souza Sansão (Examinador Externo)

A Deus, que me dá forças para continuar, sem ele eu não seria nada. A minha família que sempre esteve comigo, me apoiando, ao meu noivo que sempre me deu forças e amigas com suas energias positivas.

AGRADECIMENTOS

Quero começar agradecendo a Deus, que sempre esteve comigo desde o princípio da minha jornada acadêmica, me dando forças, me reerguendo em meio a algumas dificuldades. Em segundo lugar quero agradecer a minha família, meus três irmãos Cecília, Natanael e Natalício e aos meus pais Maria José e Cicero, tenho um amor imensurável, são tudo em minha vida e sem eles eu não seria nada, desde o princípio ficaram felizes com meu ingresso na Universidade Federal de Alagoas - UFAL, principalmente minha mãe e meu pai, que não tiveram oportunidade de estudar pois começaram a trabalhar muito jovens, é muito gratificante poder ver que eles estão felizes com essa minha conquista, e sei que eles sempre estarão felizes com a minha felicidade.

Agradeço também ao meu noivo Hercules que durante a pesquisa me ajudou, me conduzindo e fazendo companhia para as entrevistas, sendo meu moto táxi já que precisava me deslocar para a zona rural de Pariconha -AL, sempre atencioso e sempre disposto a ajudar, foi o ouvinte dos acontecimentos em minha vida, sempre acreditou na minha capacidade para finalização deste curso, agradeço por estar sempre comigo e demonstrar que me ama, quero que saiba que também te amo.

Não poderia deixar de mencionar a minha amiga, parceira de trabalhos Jeane, sem ela essa jornada acadêmica não seria a mesma, pois passamos por várias emoções e dificuldades durante todo esse tempo, mas uma sempre deu força para outra. As minhas amigas que sempre acreditaram em mim, Maria da Saúde, Ana Flávia, Genilda, Gorete, Natália, Joely, Mônica e outras.

Ao meu orientador Cristiano Vilela, que aceitou me ajudar na construção deste trabalho, passou todos os seus conhecimentos, sempre paciente e disposto a ajudar com todas minhas dúvidas e dificuldades, muito obrigado por tudo.

Agradeço a todos os professores que contribuíram na minha formação, para que me tornasse uma profissional da pedagogia.

A todos os contribuintes da minha pesquisa de campo, familiares e professores dos surdos, pois essa pesquisa só foi possível devido a participação e contribuição de todos, meu muito obrigado a todos vocês.

Toda criança necessita de um ambiente linguístico adequado, no qual possa desenvolver sua língua naturalmente.

Guarinello

RESUMO

Esta pesquisa investiga a situação linguística e educacional dos surdos, na cidade de Pariconha-AL. Trata-se de uma cidade distante dos grandes centros, onde os surdos conseqüentemente têm menos contacto com a Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS) e com as comunidades surdas e sua cultura. Nosso referencial teórico baseia-se em Gesser (2009), Guarinello (2007), Quadros (1997 e 2004), Santana (2007), Skliar (2010), Rosa (2011), Moura (2011). Trata-se de uma pesquisa do tipo qualitativa, com pesquisa de campo na qual foram utilizadas entrevistas semiestruturadas realizada com pais e professores dos alunos surdos como instrumento de coleta de dados. Como resultados, podemos perceber que os surdos se comunicam por meio de gestos e leitura labial, e que o ensino e aprendizagem dos mesmos não contempla a Libras. Percebemos também que os docentes não se sentem capacitados para a educação dos alunos surdos. Este trabalho tem o intuito de contribuir com estudos sobre a educação de surdos, e a língua de sinais brasileira de sinais

Palavras-chave: Libras. Surdos. Educação de Surdos. Interior.

ABSTRACT

This research investigates the linguistic and educational situation of the deaf in the city of Pariconha-AL. It is a city far from the large centers, where the deaf consequently have less contact with the Brazilian Sign Language (LIBRAS) and with deaf communities and their culture. Our theoretical framework is based on Gesser (2009), Guarinello (2007), Quadros (1997 and 2004), Santana (2007), Skliar (2010), Rosa (2011), Moura (2011). This is a qualitative research, with field research in which semi-structured interviews were conducted with parents and teachers of deaf students as a data collection instrument. As a result, we can perceive that the deaf communicate through gestures and lip reading, and that their teaching and learning does not contemplate Libras. We also noticed that teachers do not feel qualified for the education of deaf students. This work aims to contribute to studies on the education of the deaf, and the Brazilian sign language, as like any other language is indispensable in the life of the deaf.

Keywords: Libras. Deaf. Deaf Education. Country City.

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Quantidade de alunos surdos, ano de ensino e idade, do município de Pariconha - AL.....	32
Tabela 2 - Número de surdos que há na cidade de Pariconha -AL	33
Tabela 3 - Nomes fictícios dos familiares dos surdos.....	35

LISTA DE SIGLAS

AEE - Atendimento Educacional Especializado

LIBRAS - Língua Brasileira de Sinais

L1 - Primeira Língua

L2 - Segunda Língua

UFAL - Universidade Federal de Alagoas

TCLE - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

IRES - Instituto Bilíngue de Qualificação e Referência em Surdez

IPAESE - Instituto Pedagógico de Apoio à Educação do Surdo de Sergipe

APAE - Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	12
2. UM BREVE OLHAR SOBRE OS SURDOS E SOBRE A LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS.....	15
2.1 Perspectiva sobre os surdos	19
2.2 A importância da língua de sinais para o surdo	21
2.3 A educação dos surdos.....	23
2.4 Educação bilíngue.....	29
3. PERCURSO METODOLÓGICO	31
4. RESULTADO E ANÁLISE DOS DADOS.....	35
4.1 Quanto à comunicação: usam gestos, mímicas, leitura labial e oralizam. Não sabem Libras	36
4.2 Não há comunidades surdas e os surdos não aprendem Libras por não terem contato com essa comunidade	43
4.3 Dificuldades causadas pela ausência da Libras dentro e fora da escola	48
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	54
REFERÊNCIAS	56
APÊNDICES	58

1. INTRODUÇÃO

Este trabalho foi realizado pelos seguintes motivos: o desejo em saber como os surdos se comunicavam e qual a situação educacional dos mesmos, e assim ter a oportunidade de obter informações sobre a realidade das pessoas surdas que vivem em áreas remotas das grandes cidades, então a cidade escolhida foi Pariconha -AL, pensando que provavelmente os surdos dessa cidade não sabiam Libras.

A língua natural dos surdos é a língua de sinais, aqui no Brasil é a Libras, para que eles se comuniquem naturalmente eles precisam da sua língua visual, mas o que na maioria das vezes acontece é que os surdos de cidades afastadas dos grandes centros não têm acesso a uma comunidade de uma língua minoritária.

Antes mesmo de ingressar na universidade e ter a disciplina de Libras, conhecia vagamente à Libras. O primeiro contato com um surdo foi ainda quando criança na escola, estudávamos no ensino fundamental, mas em salas diferentes, esse surdo costumava passear por salas e pátio, percebíamos que ele não ficava em sua sala. Todos o chamavam de “mudinho”, um dia no recreio ele se aproximou parecia querer falar, mas não o compreendíamos, perguntamos o seu nome ele parecia fazer leitura labial, respondeu-nos com um som incompreensível, então pegamos papel e caneta e ele escreveu o seu nome. Naquele dia, mesmo sendo crianças entendíamos o quão difícil deveria ser estar em um ambiente no qual ninguém o compreendia. Seria esse o motivo de não permanecer em sua sala?

Quando ainda estudante do terceiro ano do ensino médio, no ano de 2013, fomos agraciados com a apresentação de um trabalho acadêmico, de estudantes da Universidade Federal de Alagoas (UFAL), campus sertão, em que o referente trabalho levou para nós um pouco de conhecimento sobre a língua dos surdos, a apresentação contou com os seguintes recursos: slide com tópicos sobre o uso dessa língua, apresentou-nos o alfabeto manual e uma dinâmica em Libras. Aquele dia atípico nos levou a pensar como era a vida daqueles surdos que não utilizavam essa língua, então depois daquele dia nos despertou a curiosidade e uma fascinação pela comunidade dos surdos.

Quando na graduação de licenciatura da UFAL, campus sertão, no segundo período do curso tivemos a disciplina de Libras, onde fizemos algumas leituras e trabalhos que proporcionaram maiores conhecimentos sobre os surdos, a Libras e a história dos mesmos. Então a partir desses estudos começamos a cogitar um tema envolvendo a realidade dos surdos na cidade de Pariconha -AL.

A partir da pesquisa de campo podemos analisar que a situação dos surdos infelizmente não é das melhores, já que não conseguem se comunicar de uma forma eficaz, pois acontece principalmente por meio dos gestos, leitura labial e até mesmo tentativa de oralização, mesmo assim a compreensão é realizada através de muitos esforços por parte dos envolvidos. Como os surdos na cidade não fazem uso da língua de sinais, nem mesmo pessoas próximas como familiares e professores, tudo é mais difícil, já que não tem comunicação.

Visto que foi relatado acima, como chegamos na decisão desse tema, isso conseqüentemente nos levou ao problema no qual foi definido, em que abrange tanto a área educacional como linguística, queríamos obter respostas sobre este assunto. A questão que norteia essa pesquisa é: *Qual a situação educacional e linguística dos surdos da cidade de Pariconha?* Essa pergunta é o foco de todo trabalho e nos norteia para as devidas respostas. O objetivo geral deste trabalho é: Investigar como os surdos se comunicam e qual a situação educacional dessas crianças na cidade de Pariconha/AL. Sendo três objetivos específicos que são: analisar como acontece a comunicação da criança surda no âmbito familiar e escolar; compreender como se dá o processo de ensino e aprendizagem do surdo e averiguar quais são as dificuldades no processo educacional desses alunos.

Durante o trabalho surgiram algumas hipóteses, na qual nos ajudaram a pensar e elaborar o roteiro dessa pesquisa, já que antes da nossa pesquisa de campo não tínhamos um conhecimento da real situação dos surdos. Portanto, o que queremos descobrir neste trabalho é: primeiro acerca de como os surdos se comunicam, se é por meio de gesto, mímica, leitura labial, já que possivelmente não usam Libras; se eles oralizam ou se há inventivo a oralização. Outra hipótese é que não há comunidades surdas, o que acaba dificultando na comunicação e interação das pessoas surdas, que os surdos não aprendem Libras por não terem contato com outros surdos, na escola o ensino e aprendizagem dos surdos ocorre de maneira dificultosa, pois falta comunicação; língua de sinais e interpretes e a última hipótese são as dificuldades causadas pela ausência da Libras, dentro e fora da escola. Pois sabemos o quão importante é a comunicação para o ser humano e para que isso aconteça de uma forma eficaz precisamos de uma língua.

Para saber onde se localizavam os surdos foi necessário ir à Secretaria Municipal de Educação da cidade de Pariconha -AL, para obter informações sobre horários, série, idade, quantos surdos estavam dentro das escolas do município e saber a localização de suas residências. Desta forma constatamos que se faziam presentes no total de 4 crianças surdas, distribuídas nos seguintes anos do ensino fundamental: 1 no primeiro e sexto ano, e 2 no oitavo ano, assim as entrevistas foram feitas com quatro famílias e sete professores. Para a

entrevista foi realizado dois roteiros, um destinado às famílias, que continha 11 perguntas e o outro aos professores dos alunos surdos, que continha 10 perguntas, sendo apenas 2 a mais para professora do AEE, contabilizando 12 perguntas.

Esta pesquisa foi realizada de cunho qualitativo, feita com uma pesquisa de campo, e o instrumento para coleta de dados foi entrevista semiestruturada, já que nos permite uma forma viável para a investigação, pois possibilita obter respostas reais, possibilitando analisar as expressões corporais e as emoções dos entrevistados.

Nesta pesquisa contextualizaremos sobre a Libras, sobre os surdos, sobre a educação dos surdos, e a situação linguística em que se encontram essas pessoas. Sabemos o quanto os surdos lutaram e lutam por seus direitos como cidadãos. É de direito que pessoas com surdez tenham uma educação de qualidade com profissionais qualificados. Veremos durante esse trabalho que os surdos sofreram por ser impedidos de utilizar a língua de sinais, pois acreditava-se que iriam atrapalhar na sua oralização. Ainda hoje muitos surdos não têm acesso à língua de sinais, não por opção, mas pela falta de oportunidade e de acesso.

A estrutura do presente trabalho está dividida em quatro seções, a primeira é introdução, a segunda é a fundamentação teórica, na terceira tratamos do percurso metodológico e na quarta, discussão e análise dos dados.

2. UM BREVE OLHAR SOBRE OS SURDOS E SOBRE A LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS

O que é Libras? A Libras, Língua Brasileira de Sinais, é uma língua de modalidade “viso-espacial que se articula por meio das mãos, das expressões faciais e do corpo” (GUARINELLO, 2007, p. 51) foi reconhecida pela lei 10.436/2002. Diferentemente do que muitos pensam ser apenas gestos ou mímicas, a Libras possui uma estrutura gramatical e características linguísticas. A língua de sinais é o meio de comunicação das comunidades surdas, ela é reconhecida pelos linguistas como uma língua natural porque é desenvolvida, adquirida e utilizada naturalmente pela comunidade surda.

Tais línguas são naturais internamente e externamente, pois refletem a capacidade psicobiológica humana para a linguagem e porque surgiram da mesma forma que as línguas orais – da necessidade específica e natural dos seres humanos de usarem um sistema linguístico para expressar ideias, sentimentos e ações. (QUADROS, 1997, p. 47).

Em meados do século XVI o monge beneditino Espanhol Pedro Ponce de León, foi considerado o primeiro professor de surdos, ele ensinava os filhos dos nobres, “seus alunos eram ensinados a falar, escrever, ler, fazer contas, orar e confessar-se pelas palavras, a fim de ser reconhecidos como pessoas nos termos da lei e herdar os títulos e as propriedades da família, já que os mudos não tinham esse direito”. (GUARINELLO, 2007, p. 21).

Graças a vinda do Francês Eduardo Huet, que também era surdo ao Brasil, foi possível que os surdos tivessem o contato e uma melhor comunicação através da língua de sinais. No ano de 1857, Huet veio a convite de Dom Pedro II, para fundar a primeira escola de surdos do país, como explica Gesser (2009).

[...] foi fundado o Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES), no Rio de Janeiro, no mesmo endereço em que se localiza até hoje. Durante anos, o INES tem sido o centro de referência e de formação dos indivíduos surdos. Embora, naquela época, as pessoas não fizessem menção à LIBRAS, sinais eram privilegiados na educação das crianças. Huet trabalhou também na formação de outros dois professores, conhecidos como os irmãos La pena, que ajudavam na instrução dos surdos. (GESSER, 2009, p. 37).

Com a saída de Huet a escola passou por algumas mudanças e o oralismo tomou mais força, sendo administrada por um médico chamado Tobias Rabello Leite que teve sua entrada em 1868 e ficou até sua morte em 1896. Um outro impacto na época foi o congresso de Milão no ano de 1880, que defendia métodos oralistas, ou seja, afetou a educação dos surdos em todos os lugares do mundo.

No Brasil a ideia do oralismo começou a ser disseminada em 1911, e a superintendente do INES, Ana Rímoli de Faria Doria, que acatou a filosofia, separava os surdos mais velhos dos surdos mais novos para evitar o contato e uso da língua de sinais. Outra figura nesse cenário foi Ivete Vasconcellos, que, inspirada na abordagem da comunicação total, influenciada pela universidade de Gallaudet, defendia que fala, gestos, pantomima e sinais deveriam ser empregados na formação dos indivíduos surdos. (GESSER, 2009, p. 38).

Mesmo os surdos sendo proibidos de utilizar a língua materna eles sempre a utilizaram entre si, mesmo que escondidos. Podemos dizer que a escolarização dos surdos fez com que houvesse o surgimento da Libras, e por causa de Huet a Libras teve grandes influências linguísticas da língua de sinais francesa.

Após muita luta dos surdos para o reconhecimento da Libras, tentando mostrar que ela é uma língua natural, complexa e possui gramática própria, foi aprovada a Lei Nº 10.436, de 24 de abril de 2002 em que reconhece a Libras como meio legal de comunicação e expressão. E foi a partir dessa lei que os surdos conseguiram obter outros avanços. Podemos observar a seguir que essa lei decreta que:

Entende-se como Língua Brasileira de Sinais - Libras a forma de comunicação e expressão, em que o sistema linguístico de natureza visual-motora, com estrutura gramatical própria, constitui um sistema linguístico de transmissão de ideias e fatos, oriundos de comunidades de pessoas surdas do Brasil. (BRASIL, 2002).

A língua de sinais, assim como qualquer outra língua, sofre uma influência cultural, possuindo uma variação linguística, ou seja, mesmo um país compartilhando de uma mesma língua ainda assim é impossível que uma língua consiga se manter rígida ao ponto de não sofrer uma variação linguística. A linguagem varia de região para região, dentro de um mesmo estado, varia da área urbana para a área rural e também de classe social. A língua por ser espontânea (natural), está sempre em modificação. (QUADROS; KARNOPP, 2004, p. 26-27).

Ainda hoje algumas pessoas pouco sabem sobre a língua de sinais, e isso acaba criando vários mitos e crenças, uma delas é que a língua de sinais é universal. Cada país tem sua língua, no Brasil temos a Língua Brasileira de Sinais - LIBRAS, nos Estados Unidos temos A língua Americana de sinais (ASL), entre outras.

Uma das crenças mais recorrentes quando se fala em língua de sinais é que ela é universal. Uma vez que essa universalidade está ancorada na ideia de que toda língua de sinais é um “código” simplificado apreendido e transmitido aos surdos de forma geral, é muito comum pensar que todos os surdos falam a mesma língua em qualquer parte do mundo. (GESSER, 2009, p.11).

A língua de sinais não é limitada, ela permite expressar conceitos abstratos, sentimentos, emoções ou discutir qualquer assunto, assim como nas línguas orais. Muitos preconceitos arraigados até os dias atuais sobre a língua de sinais vêm de muitos anos atrás, em que os surdos eram proibidos a utilizar a língua de sinais, como mostra Gesser “Os surdos foram privados de se comunicarem em sua língua natural durante séculos. Vários estudos têm apontado a difícil relação dos surdos com a língua oral majoritária e com a sociedade ouvinte”. (GESSER, 2009, p. 25).

Se o surdo não tem a sua língua materna, conseqüentemente terá problemas tanto na língua de sinais quanto na oral e escrita, porque a sua primeira língua L1¹, dará a oportunidade de aprender uma segunda língua L2². A ausência de uma língua pode gerar sérios danos em seu desenvolvimento.

Muitos acreditam que a língua de sinais é o alfabeto manual, pensar dessa forma é acreditar que a língua de sinais é limitada, se os surdos soletrassem cada letra demorariam horas para explicar alguns contextos. O alfabeto manual é utilizado para soletrar nomes de pessoas, de lugares, de rótulos, endereços e para vocábulos inexistentes na língua de sinais. O alfabeto manual utilizado na língua de sinais é o da língua portuguesa, sendo ele importante para ajudar no processo de ensino e aprendizagem da leitura e escrita da língua portuguesa.

A língua de sinais é uma língua natural. As crianças surdas que forem expostas a sua língua materna irão se comunicar e se expressar desde cedo assim como as crianças ouvintes, e assim adquirir sua linguagem, sendo que “a linguagem é responsável pela regulação da atividade psíquica humana, pois é ela que permeia a estruturação dos processos cognitivos” (LACERDA, 2006, p. 165).

Mas a realidade das crianças surdas é diferente, pois na maioria dos casos são filhos (as) de pais ouvintes que não conhecem ou sabem a língua de sinais, o que acaba prejudicando na aquisição da linguagem, afetando o desenvolvimento das suas habilidades cognitivas, “[...] o atraso de linguagem pode trazer conseqüências emocionais, sociais e cognitivas, mesmo que realizem aprendizado tardio de uma língua”. (LACERDA, 2006, p. 165).

Sobre esse aspecto QUADROS diz que.

Considerando o aspecto psicossocial, a criança surda irá integrar-se satisfatoriamente à comunidade ouvinte somente se tiver uma identificação bastante sólida com o seu grupo; caso contrário, ela terá dificuldades tanto numa comunidade como na outra, apresentando limitações sociais e linguísticas algumas vezes irreversíveis. (QUADROS, 1997, p. 28).

¹L1- Primeira língua. No caso dos surdos é a língua de sinais.

²L2- Segunda língua aprendida após a primeira. No caso dos surdos será a modalidade escrita da língua oral.

Por um determinado momento a língua de sinais foi considerada como algo ruim para os surdos, acreditava-se que esse processo atrapalharia na oralização dos surdos. A ausência da primeira língua pode causar sérios danos ao desenvolvimento cognitivo, sendo que ela oferece a possibilidade de a pessoa surda aprender uma segunda língua, por exemplo, o português escrito. Substituir a primeira língua por uma outra faz com que os surdos passem, assim como cita GESSER (2009, p. 58), por “atividades árduas, desgastantes e intensas das seções de ‘treino’ para aprender o idioma contrastam com o prazeroso e natural uso da língua de sinais pelo grupo”. É importante que o surdo aprenda o português escrito, pois é utilizado nas escolas, em seu cotidiano, possibilitando uma melhor relação na sociedade a que está inserido.

A língua de sinais permite que os surdos tenham uma visão de mundo da mesma forma que a língua oral proporciona aos ouvintes. Por causa da surdez muitos surdos são considerados incapacitados, como se a surdez afetasse o seu intelecto.

As pessoas surdas sempre foram estigmatizadas, consideradas de menor valor social. Afinal faltava-lhes a característica eminentemente humana: a linguagem (oral, bem entendido) e suas ‘virtudes’ cognitivas. Sendo destituídos dessas virtudes, os surdos eram “humanamente inferiores”. A língua de sinais era considerada apenas uma mímica gestual, havendo, desde então, preconceitos em relação ao uso de gestos para a comunicação. (SANTANA, 2007, p. 31).

Em uma sociedade há grandes adversidades entre as pessoas, e em relação à utilização da língua, nesse caso é que há uma comunidade ouvinte que por sinal é a majoritária e uma comunidade de surdos que é minoria, por ser minoria sofrem por utilizar uma língua que não é a oral. Sobre isso SKLIAR (2010) afirma que:

É bastante comum definir a comunidade surda como uma minoria linguista, baseando-se no fato de que a língua de sinais é utilizada por um grupo restrito de usuários, os quais, seguindo tal lógica discursiva, vivem uma situação de desvantagem social, de desigualdade, e participam, limitadamente, na vida da sociedade majoritária. (SKLIAR, 2010, p. 22).

Graças aos estudos linguísticos podemos afirmar que a língua de sinais é língua e que não depende das línguas orais, pois “as línguas de sinais são, portanto, consideradas pela linguística como línguas naturais ou como um sistema linguístico legítimo e não como um problema do surdo ou como uma patologia da linguagem”. (QUADROS; KARNOPP, 2004, p. 30).

Por anos pensava-se que as línguas de sinais eram apenas uma linguagem. Com os estudos linguísticos sobre as línguas de sinais ajudaram a entender que são línguas.

“Linguisticamente, pode-se afirmar que a língua de sinais é língua porque apresenta características presentes em outras línguas naturais e, essencialmente, porque é humana”. (GESSER, 2009, p. 27).

Como a Libras é uma língua natural, que não depende das línguas orais, ela possui gramática e complexidade como nos mostra Quadros e Karnopp (2004).

As línguas de sinais, conforme número de pesquisas, contém os mesmos princípios subjacentes de construção que as línguas orais, no sentido de que tem o léxico, isto é, um conjunto de símbolos convencionais, e uma gramática, isto é, um sistema de regras que regem o uso desses símbolos. (QUADROS; KARNOPP, 2004, p. 48).

Ainda sobre as pesquisas linguísticas da língua de sinais Guarinello (2007) nos mostra que como em qualquer outra língua a Libras em sua gramática pode ser analisada a partir de níveis linguísticos:

No Brasil, os pesquisadores têm mostrado que, como em qualquer outra língua, a Língua Brasileira possui os níveis fonológico, morfológico, sintático, semântico e pragmático, e que a língua oficial do país tem pouco ou nenhum efeito sobre a língua de sinais, podendo existir variações dialetais em um mesmo país. (GUARIENELLO, 2007, p. 50).

Portanto, podemos constatar que a língua de sinais é independente da língua oral, e vem lutando a anos para ter seu devido reconhecimento como língua, pois a Libras representa comunidade, identidade, uma cultura de pessoas surdas.

2.1 Perspectiva sobre os surdos

O surdo não tem deficiência e sim uma diferença, é alguém que possui língua, cultura, uma história e identidade distinta. Quando o surdo faz parte de uma comunidade surda e se aceita como diferente “deixa claro que ser surdo entre surdos é tão normal quanto é para a maioria dos ouvintes ser ouvinte”. (GESSER, 2009, p. 66). Assim também o surdo consegue se integrar a sociedade ouvinte mais facilmente, sem frustrações.

A língua de sinais legitima o surdo como “sujeito de linguagem” e é capaz de transformar a “anormalidade” em diferença. Isso é resultado de uma luta pela redefinição do que é considerado normal. A ideia de que a surdez é uma diferença traz com ela uma delimitação de esferas sociais: a identidade surda, a cultura surda, a comunidade surda. (SANTANA, 2007. p. 33).

Quem nos mostra a definição correta de uma pessoa surda é Santana (2007), segue citação abaixo.

Uma pessoa surda é aquela que por ter um déficit de audição, apresenta uma diferença com respeito ao padrão esperado e, portanto, deve construir uma identidade em termos dessa diferença para integrar-se na sociedade e na cultura em que nasceu. (SANTANA, 2007, p. 34 *apud* BEHARES, 1994, p. 1).

Os surdos por alguns anos foram impedidos de serem surdos, ou seja, eram impedidos de se comunicarem através da língua de sinais, sendo está a base da construção cultural e histórica da pessoa surda, acreditavam que a língua dos surdos atrapalharia na oralização dos mesmos. (GESSER, 2009. p. 26).

Santana (2007) comenta sobre crianças surdas nascidas em famílias ouvintes, o quão é difícil para os pais receber a notícia, então eles precisam tomar algumas decisões, alguns optam pela educação bilíngue, mas não se esforçam para aprender a língua de sinais. Outras famílias se esforçam e aprendem língua de sinais e outras partem para a medicina optando, por exemplo, pelo implante coclear.

Em alguns casos para pais ouvintes receber a notícia de que seu filho é surdo é algo inesperado, porque esperam que seu filho ouça, logo, se apoiam na medicina, procurando a “cura” para seu filho, e o método procurado em alguns casos é o implante coclear³, porque dar possibilidade de audição. Para os pais a sensação de alívio em saber que vai haver comunicação oral entre eles e que não irão precisar da língua de sinais.

O implante coclear não é visto como uma “possibilidade” de audição e de fala, mas como uma “imposição” de audição e de fala. Para os pais não há diferenças entre o ouvinte e o filho que fez a operação, mesmo que esta tenha sido feita em apenas um ouvido, mesmo que o som assimilado não seja igual ao do ouvinte. Não há diferenças, só semelhanças; o surdo agora ouve e, por isso, deve falar. (SANTANA, 2007, p. 31).

Portanto podemos constatar que muitas famílias com medo do diferente, ou seja, da utilização de uma língua que não é a oral, vão em busca de uma solução e acabam encontrando o implante coclear, começam a ter a ilusão de que estará tudo resolvido e de que seu filho será ouvinte assim como eles. O implante coclear proporciona a emissão de sons, mas muitas vezes não é absorvida para o surdo da mesma forma que para o ouvinte, conseqüentemente feita a cirurgia, cobram a oralidade perfeita da criança.

Os surdos falam com as mãos e ouvem com os olhos, assim funciona a língua de sinais, é algo diferente e por ter essa diferença os surdos muitas vezes são obrigados, forçados a se enquadrar no mundo majoritário, mas na verdade eles precisam primeiro construir sua

³ O implante coclear é um aparelho eletrônico que funciona como uma prótese, na medida que desempenha a função das células ciliares ao fornecer a estimulação elétrica às células ganglionares espirais remanescentes no nervo auditivo da cóclea. (CAPOVILLA, 2006, p. 1520).

identidade na sua língua materna, para então estar preparados para aprender uma outra língua, uma outra cultura.

Aqui no Brasil a primeira língua dos surdos é a língua Brasileira de Sinais (LIBRAS), a segunda é o português, não oral, mas escrito. Os surdos podem fazer tudo o que quiserem como trabalhar, estudar, dirigir entre outros, sem nenhum problema, pois são capazes, assim como os ouvintes. Os surdos não têm um dos sentidos que é a audição, por esse motivo vivem e partilham de modos diferentes, possuem sua própria cultura, nela está um dos principais elementos que é a língua de sinais, no Brasil é a língua brasileira de sinais (Libras), é por meio dela que se comunicam com os demais que a utilizam. Skiliar traz a seguinte afirmação:

Os surdos criaram, desenvolveram e transmitiram, de geração em geração, uma língua, cuja modalidade linguística nasceu porque a deficiência auditiva impede os surdos de acenderem a oralidade. Assim, a língua de sinais deixa de ser vista como um processo e como um produto construído histórica e socialmente pelas comunidades surdas. (SKILIAR, 2010, p. 24).

Portanto, podemos constatar que a língua de sinais por ser uma língua natural, não irá deixar de existir porque faz parte da comunidade surda, foi por meio dela que os surdos conseguiram lutar por seus direitos, são hoje pessoas ativas no meio social, onde muitos estão na faculdade, outros trabalhando na profissão que almejaram, mesmo encontrando dificuldades por possuírem uma língua minoritária.

2.2 A importância da língua de sinais para o surdo

A língua de sinais é tão importante quanto a língua oral. A pessoa surda necessita da sua língua natural (língua de sinais) para seu desenvolvimento pleno, como: cognitivo, psicológico, social, moral e entre outros. A identidade surda é construída quando o surdo adquire a língua de sinais e tem contado com a comunidade surda. O contato com a língua deve acontecer, se possível, quando ainda criança, sendo que ela depende do meio social em que vive para desenvolver suas capacidades, e para isso a língua é um meio essencial que possibilita a comunicação e as interações. “Todas as crianças surdas podem adquirir a língua de sinais, desde que participem das interações cotidianas com a comunidade surda, como acontece com qualquer outra criança na aquisição de uma língua natural”. (SKILIAR, 2010, p. 27).

Ter uma língua natural é importante para que a pessoa surda construa sua própria identidade. “A identidade é algo em questão, em construção, uma construção móvel que pode

frequentemente ser transformada ou estar em movimento, e que empurra o sujeito em diferentes posições”. (PERLIN, 2010, p. 52). Ter o acesso e disponibilidade da Libras nas escolas se faz necessário para o ensino e aprendizagem. Ter o acesso a língua no meio familiar é de suma importância, porque é onde passa a maior parte do seu tempo e é nesse ambiente que deve se sentir acolhida e confortável.

Em muitos casos os surdos não têm acesso a sua língua natural, dificultando sua vida social, até mesmo com a própria família, é difícil a comunicação porque eles são ouvintes e ambos não sabem e nem conhecem a língua de sinais. O surdo quando não conhece a língua de sinais e não socializa corre o risco de não desenvolver suas habilidades cognitivas, linguísticas, sociais e intelectuais. Sobre isso Gesser (2009) faz a seguinte afirmação.

O surdo pode e desenvolve suas habilidades cognitivas e linguísticas (se não tiver outro impedimento) ao lhe ser assegurado o uso da língua de sinais em todos os âmbitos sociais em que transita. Não é a surdez que compromete o desenvolvimento do surdo, e sim a falta de acesso a uma língua. A ausência dela tem consequências gravíssimas: tornar o indivíduo solitário, além de comprometer o desenvolvimento de suas capacidades mentais. Através da língua nos construímos plenamente como seres humanos, comunicamo-nos com nossos semelhantes, construímos nossas identidades e subjetividades, adquirimos e partilhamos informações que nos possibilitam compreender um mundo que nos cerca. (GESSER, 2009, p. 76).

Como alguns ouvintes não têm conhecimento sobre a condição de uma pessoa surda acabam chamando-os como deficiente, mudinho, doidinho, maluquinho e entre outros. Como se seu cérebro tivesse algum problema, sendo que o único motivo por ele não conseguir se comunicar é por causa da ausência da língua visual espacial, conforme afirma Perlin “O caso dos surdos dentro da cultura ouvinte é um caso em que a identidade é reprimida, se rebela e se afirmar em questão da original”. (2010, p. 53). O surdo tem que adquirir primeiramente a cultura surda se isso não acontece ele também não irá adquirir a cultura dos ouvintes, porque o ponto de partida que dará acesso a conhecimentos é a sua língua materna. Até os dias atuais as pessoas insistem em educar os surdos com o uso da oralização. Sobre isso Gesser (2009) comenta que.

É comum ouvirmos as pessoas dizendo que o surdo é muito irritado, agressivo, nervoso e até débil mental. O fato é que esses estereótipos são construídos com base em paradigmas inapropriados, criados por aqueles que insistem em educar os surdos através da língua oral, uma língua totalmente alheia a sua forma visual de perceber e de expressar no mundo. (GESSER, 2009, p. 77).

Não somente existirão esses conceitos falados acima, mas vários outros, a falta de conhecimento em relação a uma pessoa surda pode gerar várias hipóteses absurdas que não tem nada a ver com o surdo. Skliar (2010) mostra o seguinte:

A intenção de que as crianças surdas sejam, em um hipotético futuro, adultos ouvintes, originou um doloroso jogo de ficção nas identificações e nas identidades surdas. Nesse jogo os surdos acabam, finalmente, sendo catalogados não apenas como ouvintes, mas como autistas, psicóticos, deficientes mentais, afásicos e esquizofrênicos. (SKLIAR, 2010, p. 21).

A necessidade de comunicação fez com que os surdos aprendessem a se comunicar, expressar seus pensamentos e sentimentos através da língua de sinais, e isso proporcionou uma perspectiva de vida. Assim como as línguas orais, a língua de sinais possibilita a comunicação de qualquer conteúdo.

As línguas de sinais são sistemas linguísticos que passaram de geração em geração de pessoas surdas. São línguas que não se derivam das línguas orais, mas fluíram de uma necessidade natural de comunicação entre pessoas que não utilizam o canal auditivo-oral, mas o canal espaço-visual como modalidade linguística. (QUADROS, 1997, p. 47).

Dessa forma podemos perceber o quão importante é a língua de sinais para os surdos, ainda assim vimos anteriormente que a língua de sinais foi renegada pelos defensores da oralização. Ainda hoje muitos surdos sofrem com a ausência de uma língua, principalmente aqueles que vivem em cidades afastadas das grandes cidades, ficando distante das comunidades surdas.

2.3 A educação dos surdos

A escola é um lugar de construção de conhecimentos, valores, crenças e também é o lugar onde começamos a entender sobre o mundo e o que ele prepara para nós. É através de uma boa educação que se tem excelentes pensadores, ótimos profissionais e pessoas com uma visão de mundo mais ampla. Para adquirir essas habilidades é necessário que o surdo possua a sua língua natural. Pessoas próximas aos surdos tentam de todas as formas fazer com que eles oralizem, numa tentativa de comunicação e socialização, mas como eles não possuem audição essa oralização não acontece de forma natural, é um processo demorado e sistemático, é algo árduo e não garante que os surdos compreendam 100% do que é oralizado. Podemos perceber

que de nada serve a oralização do surdo na sua integração social. Quadros (1997) traz a seguinte afirmação sobre esse assunto:

Pesquisas desenvolvidas nos Estados Unidos (Duffy, 1987) constataram que, apesar do investimento de anos de vida de uma criança surda na sua oralização, ela somente é capaz de captar, através da leitura labial, cerca de 20% da mensagem e, além disso, sua produção oral, não é compreendida por pessoas que não convivem com ela (pessoas que não estão habituadas a escutar a pessoa surda). (QUADROS, 1997, p. 23).

O aluno surdo muitas vezes acaba sendo prejudicado no seu aprendizado por não estar em um ambiente escolar em que compartilhem uma mesma língua, e isso acaba dificultando na comunicação com colegas e professores. A interação se faz necessário para o ensino, quando isso não acontece o desenvolvimento de suas habilidades cognitivas podem ser afetadas, fazendo com que crie barreiras em sua aprendizagem. Sobre isso Lacerda (2006) diz que:

Devido às dificuldades acarretadas pelas questões de linguagem, observa-se que as crianças surdas se encontram defasadas no que diz respeito à escolarização, sem o adequado desenvolvimento e com um conhecimento aquém do esperado para sua idade. Disso advém a necessidade de elaboração de propostas educacionais que atendam às necessidades dos sujeitos surdos, favorecendo o desenvolvimento efetivo de suas capacidades. (LACERDA, 2006, p. 165).

O ensino inadequado, a tentativa de fazer com que o surdo se adeque ao mundo da oralização, forçando-o a falar e ouvir, esse ensino sistematizado se perdura até os dias atuais, e isso pode gerar danos na vida dessas pessoas.

[...] O fracasso na educação dos surdos foram as representações ouvintistas acerca do que é o sujeito surdo, quais são os seus direitos linguísticos e de cidadania, quais são as teorias de aprendizagem que refletem condições cognitivas dos surdos, quais as epistemologias do professor ouvinte na sua aproximação com os alunos surdos, quais são os mecanismos de participação das comunidades surdas no processo educativo, etc. (SKLIAR, 2010, p. 18-19).

A inclusão do aluno surdo é feita para que ele se sinta como participante da organização da sociedade, obtendo seus direitos como cidadãos. Para que o aluno surdo se desenvolva e o ensino e aprendizagem aconteçam este não apenas deve ser incluído, mas também integrado. É necessário um planejamento pedagógico, profissionais qualificados, um atendimento educacional especializado, respeitando suas diferenças e atendendo suas especificidades, desenvolvendo assim o seu psicomotor, sua vida social e outros. O aluno

surdo deve participar de todas as atividades propostas, elaboradas pelo seu professor, mas algumas vezes não acontece porque o ensino é elaborado para os alunos ouvintes, sendo que não alteram a sua metodologia, afastando assim o aluno com surdez de ter uma acessibilidade ao ensino adequado que é um direito dessas pessoas.

No Brasil, a grande maioria dos surdos adultos não dominam a língua portuguesa. Além disso, há uma considerável parcela de surdos brasileiros que não tem à língua de sinais, ou por motivo de isolamento social ou, principalmente, por opção da família, por uma escola que não utilize essa língua, o que causa, além das defasagens escolares, dificuldade e impedimento quanto a inserção dessas pessoas no mercado de trabalho. (GUARINELLO, 2007, p. 53).

Guarinello (2007) explica que essas dificuldades dos surdos na aprendizagem da leitura e escrita é pelo fato de que a maioria dos surdos não possuem uma língua, ou seja, são de famílias ouvintes que também tem dificuldades para se comunicar, não partilham de uma língua em comum, então arrumam outras formas de se comunicar. A maneira como muitas escolas atendem aos alunos surdos não é adequada, como mencionado anteriormente, é um ensino voltado totalmente para o ouvinte, conseqüentemente o ensino e a aprendizagem terá um processo desgastante e frustrante, como afirma Guarinello (2007) a seguir.

A forma como geralmente a linguagem e as atividades de leitura e escrita são concebidas pela escola, ou seja, como algo passível de ser aprendido por meio de exercícios mecânicos e descontextualizados, contribui para que os problemas dos surdos com a escrita aumentem. Igualmente, em casa, muitas vezes a criança surda não tem acesso aos livros e aos jogos de leitura, o que lhe dificulta a construção de hipóteses sobre o objeto escrito e a percepção das diferenças entre a escrita e a fala. Assim, a escola tem dificuldade para entender as diferenças no processo educacional do surdo e o surdo, de inserir-se nesse processo. (GUARINELLO, 2007, p. 55).

É possível que há casos em que os professores não tiveram qualificação para a educação de surdos e tampouco sabem Libras, com isso não conseguem ter uma comunicação com os surdos, e acabam dando mais visibilidade aos alunos ouvintes, isso é uma situação lamentável, porque assim como o ouvinte o surdo tendo uma educação adequada e de qualidade consegue desenvolver todas as suas habilidades. É um direito do surdo ter uma boa educação.

É provável as dificuldades vividas por um aluno com surdez que não tem a sua língua nativa, a língua de sinais, e principalmente a falta de profissionais adequados. Os surdos têm o direito de estar num ambiente plenamente favorável e propício ao seu desenvolvimento

linguístico, cultural, social, comunitário e pessoal, o surdo precisa de políticas educacionais que reconheçam a diferença.

O sentido que dou a uma educação e a uma escola possível se refere à criação de políticas linguísticas, de identidades, comunitárias e culturais, pensadas a partir do que os outros, os surdos, se representam como possível e do modo como os outros, os surdos, reconstruem o próprio processo de educação. (SKILLAR, 2010, p. 26).

A realidade da pessoa surda é algo que pouco se fala, e que deve ser abordado como qualquer outro assunto que é dito importante, porque é pela falta de visibilidade que os surdos acabam por sofrer ainda mais, sem falar do preconceito que sofrem diariamente pela sociedade. Possivelmente isso ocorra por falta de conhecimento com relação à comunidade surda.

É importante para o desenvolvimento cognitivo da criança surda que ela entre em contato com a língua de sinais desde cedo para melhor socializar, pois quando isso não acontece a criança pode ter mais dificuldades na comunicação, na interação, bem como em outros aspectos. A criança precisa de uma boa estrutura tanto no ambiente familiar quanto escolar. É de suma importância que o governo tenha um olhar voltado para com pessoas com surdez, e assim se disponha na contratação de interpretes para trabalharem na educação básica das escolas públicas, pois é um direito dessas pessoas.

Todas as crianças têm direito à educação de qualidade, sendo assim, o atendimento deve ser igual para todos, mas visando as suas diferenças e especificidades, para que haja o desenvolvimento social e de suas habilidades, porque os alunos com surdez precisam de um ambiente inclusivo, para que consigam interagir com colegas, professores e funcionários, assim proporcionar a sua formação. Infelizmente ainda há falhas no que diz respeito à inclusão em algumas escolas regulares, conforme afirma Damazio (2007):

As posições contrárias à inclusão de alunos com surdez tomam como referência modelos que se dizem “inclusivos”, mas, na verdade, não alteram suas práticas pedagógicas no que se refere às condições de acessibilidade, em especial às relativas às comunicações. (DAMAZIO, 2007, p. 20).

Para que haja inclusão é necessário um planejamento para esses alunos, para que seu ensino e aprendizagem sejam realizados da maneira que deve ser, ou seja respeitando suas necessidades linguísticas. Todos os envolvidos no processo de desenvolvimento dos alunos com surdez devem entender a importância de que o aluno realize atividades e suas próprias elaborações, e assim como o ouvinte ele deve compartilhar as descobertas realizadas tanto na sala de aula quanto do mundo exterior nas suas vivências, e principalmente suas dúvidas.

As práticas pedagógicas constituem o maior problema na escolarização das pessoas com surdez. Torna-se urgente, repensar essas práticas para que os alunos com surdez, não acreditem que suas dificuldades para o domínio da leitura e da escrita são advindas dos limites que a surdez lhes impõe, mas principalmente pelas metodologias adotadas para ensiná-los. (DAMAZIO, 2007, p. 21).

Muitos surdos sentem dificuldades na comunicação, conseqüentemente executar determinadas tarefas que são impostas na sala de aula, por este fato muitos acabam por não querer ir mais à escola e acaba por evadir, porque acham que aquele ambiente não faz parte do seu “mundo” sendo que o problema não está nele, e sim na língua usada pelo seu professor que não foi preparado para ensiná-lo, muitos acabam por esperar que esse aluno seja atendido da mesma forma que o aluno ouvinte e sentem dificuldades em alfabetizá-los.

Essas práticas citadas são contrárias ao que determina a LDB (1996), em que no Art. 59, parágrafo III diz que “professores com especialização adequada em nível médio ou superior, para atendimento especializado, bem como professores do ensino regular capacitados para a integração desses educandos nas classes comuns”. (BRASIL, 1996).

O atendimento especializado na educação dos surdos pode fazer com que quebre as barreiras que em algumas escolas esses alunos encontram, como por exemplo, a falta de comunicação por ausência de uma língua em comum. Para que a criança possa melhor desenvolver-se é necessário que ela tenha uma boa educação, dessa forma, é muito importante que o professor saiba lidar com a especificidade de cada aluno, pois todos os alunos com ou sem deficiência tem uma maneira diferente de ver as coisas. A inclusão de surdos tem como meta colocar a criança em condições sociais de interação com os ouvintes, explorando ao máximo suas condições sociais e cognitivas para o acesso aos bens culturais, mas o ensino nem sempre acontece de fato, sobre isso Lacerda (2006) diz que:

A inclusão apresenta-se como uma proposta adequada para a comunidade escolar, que se mostra disposta ao contato com as diferenças, porém não necessariamente satisfatória para aqueles que, tendo necessidades especiais, necessitam de uma série de condições que, na maioria dos casos, não têm sido propiciadas pela escola. (LACERDA, 2006, p. 166).

Ao falarmos da educação de alunos com surdez, não devemos tratar como se essa educação fosse uma educação especial, já que os surdos não são deficientes e a educação especial é pedagogicamente pensada e estruturada para pessoas com deficiência, como mostra a seguir na A LDBEN, capítulo V, artigo 58.

Entende-se por educação especial, para os efeitos desta lei, a modalidade de educação escolar oferecida preferencialmente na rede regular de ensino, para

educandos com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades ou superdotação. (BRASIL, 1996).

Mas infelizmente algumas pessoas ainda tratam os surdos como se fossem deficientes, sendo que o que apenas os torna diferente é apenas uma língua, sobre isso Gesser (2009) afirma que:

A deficiência é uma marca que historicamente não tem pertencido ao surdo. Essa marca sugere autorrepresentações, políticas e objetivas não familiares ao grupo. Quando os surdos discutem sua surdez, usam termos profundamente relacionados a sua língua, seu passado, e sua comunidade. (GESSER, 2009, p. 46 *apud* PADDEN; HUMPHRIES, 1988. p. 44).

No sertão de alagoas, na cidade de Delmiro Gouveia, Vilela (2019) nos mostra que no ano de 1981 foi criada a Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais (APAE), para atender pessoas com deficiência, e em 1984 já havia surdos frequentando a instituição, anos mais tarde os surdos foram colocados em uma turma com apenas alunos surdos, somente depois de alguns anos começou atividades com uma professora que sabia Libras. Ele mostra também que em 2005 os surdos saíram da APAE e foram para escolas regulares e para as salas de recursos de Delmiro. A sala de recursos é um local em que os alunos surdos e alunos com necessidades especiais frequentam, em um horário paralelo do ensino regular.

A comunicação no espaço escolar é importante não somente para adquirir conhecimentos, mas também para criar relações e interações com outros alunos, professores, intérpretes e demais funcionários. Assim, com a possibilidade de uma comunicação é que a criança surda se sentirá pertencente a este ambiente. E isso é que irá fazer com que seja uma educação inclusiva, porque a inclusão não é apenas a entrada, mas sim, criar meios pedagógicos para que uma pessoa interaja no meio social a que está inserido. Quando um aluno tem os serviços de tradutor intérprete faz com que lhe dê inclusão, melhorando o ensino e aprendizagem. O Decreto de nº 5.626/05 da Lei de Libras é claro quando diz que:

Art. 23. As instituições federais de ensino, de educação básica e superior, devem proporcionar aos alunos surdos os serviços de tradutor e intérprete de Libras - Língua Portuguesa em sala de aula e em outros espaços educacionais, bem como equipamentos e tecnologias que viabilizem o acesso à comunicação, à informação e à educação. (BRASIL, 2005).

Quadros (1997) nos mostra que na educação dos surdos há uma digressão, mostrando três fases diferentes que delineiam essa educação, a primeira é a educação oralista que permanece até os dias de hoje, essa educação está ligada a recuperação dos surdos, ou seja,

reconhecendo-os como sendo deficientes auditivos. Sobre isso Quadros (1997, p. 22) diz que, “o oralismo, contudo, é uma proposta educacional que contraria tais suposições: não permite que a língua de sinais seja usada nem na sala de aula nem no ambiente familiar, mesmo sendo esse formado por pessoas surdas usuárias da língua de sinais”.

A proposta oralista pode atrapalhar na aquisição da linguagem, na identidade do surdo, ou seja, atrapalhar no seu desenvolvimento.

A segunda proposta que Quadros (1997) mostra é o ensino bimodal (português sinalizado), em que permite o uso da língua de sinais, mas é utilizada como um recurso para a aprendizagem da língua oral, nessa proposta são usados os sinais e a fala concomitantemente. Mas esse método também não é adequado para o desenvolvimento dos surdos porque o bimodalismo é um sistema artificial “[...] tendo em vista que desconsidera a língua de sinais e sua riqueza estrutural e acaba por desestruturar também o português” (QUADROS, 1997, p. 26). A terceira proposta veremos que é a educação bilíngue, em que será abordada mais detalhadamente no próximo tópico.

2.4 Educação bilíngue

A educação bilíngue para surdos é um modelo de ensino que envolve duas línguas, uma língua de instrução na qual as aulas serão dadas e o ensino de uma segunda língua. Entretanto, a segunda língua é ensinada através da L1, que é a língua natural dos surdos, a língua de sinais, o ensino de língua portuguesa acontece em momentos específicos. Isso faz com que o ensino aconteça de forma agradável e espontânea, o que não ocorre nas escolas que funcionam em língua portuguesa oral, já que as pessoas nesse ambiente partilham da língua majoritária, ou seja, a língua oral, assim não partilham de uma mesma língua com os surdos, essa realidade afeta diretamente o ensino e a aprendizagem da pessoa com surdez.

Partindo do conhecimento sobre as línguas de sinais, amplamente utilizadas pelas comunidades surdas, surge a proposta de educação bilíngue que toma a língua de sinais como própria dos surdos, sendo esta, portanto, a que deve ser adquirida primeiramente. É a partir desta língua que o sujeito surdo deverá entrar em contato com a língua majoritária de seu grupo social, que será, para ele, sua segunda língua. (LACERDA, 2006, p. 165).

Na escola bilíngue para surdos tem como foco duas línguas, mas a língua utilizada para instrução e comunicação é a de sinais. O português é aprendido como segunda língua através da Libras. Segundo Lacerda (2006, p. 165) “A proposta de educação bilíngue, ou

bilinguismo, como é comumente chamada, tem como objetivo educacional tornar presentes duas línguas no contexto escolar, no qual estão inseridos alunos surdos”. O Decreto de nº 5.626/05 da Lei de Libras no seu Art. 22, mostra-nos que “1º são denominadas escolas ou classes de educação bilíngue aquelas em que a Libras e a modalidade escrita da Língua Portuguesa sejam línguas de instrução utilizadas no desenvolvimento de todo o processo educativo”.

A escola deve garantir um ambiente em que a criança possa construir-se uma pessoa crítica, criativa e com visão de mundo, para que isso aconteça deve ser compartilhada e estimulada as suas vivência e experiências, “a escola deverá oferecer esse tipo de experiência para que a criança surda faça perguntas e obtenha respostas, obviamente em língua de sinais para construir sua teoria de mundo”. (QUADROS, 1997, p. 36). Sendo assim, esse aluno está sendo protagonista nesse meio escolar, já que está participando e interagindo. Nesse formato educacional os conteúdos estudados pelos surdos não têm um formato diferente dos que são ensinados na escola de ouvinte, a única diferença é que é ensinado em língua de sinais.

Muitas vezes a criança surda nasce em um ambiente de pessoas ouvintes que não favorece ao aprendizado da sua primeira língua, assim o que resta para sua tentativa de comunicação são recursos como leitura labial, mímica e gestos caseiros.

Na educação bilíngue para que os alunos surdos tenham a língua de sinais como a L1, é de suma importância que sejam ensinados por surdos adultos, sobre isso Quadros (1997) diz que:

A maioria das crianças surdas que chegam as escolas é filha de pais ouvintes. A criança precisa ter contato com surdos adultos. A presença de surdos adultos apresenta grandes vantagens dentro de uma proposta bilíngue. Primeiro, a criança, tão logo tenha entrado na escola, é recebida por um membro que pertence à sua comunidade cultural, social e linguística; assim, ela começa a ter a oportunidade de criar a sua identidade. Segundo essa criança começa a adquirir a sua língua natural. Tais vantagens são imprescindíveis para o sucesso da proposta bilíngue. (QUADROS, 1997, p. 30).

Considerado um avanço para a educação dos surdos, o estado de Alagoas ganhou o Instituto Bilíngue de Qualificação e Referência em Surdez (IRES), em 2018, sendo o IRES a primeira escola Bilíngue do nordeste como mostra a seguir:

O Ires que é a primeira escola bilíngue para surdos do norte-nordeste e a terceira no Brasil é o resultado de um conjunto de ações e projetos em favor da comunidade surda. “O projeto iniciou pela Associação dos Amigos e Pais de pessoas especiais – c AAPPE em 1992 quando começou a intervir na realidade em que vivia a comunidade surda em Alagoas que era de extrema invisibilidade onde a sociedade sequer imaginava que existia uma parcela da população que usava a língua de sinais”, lembrou a presidente da AAPPE, Iraê Cardoso. (ALAGOAS 24 H, S/D).

Iraê tinha e tem como objetivo dar significado à vida dos surdos e suportes necessários para um bom atendimento, incluindo a educação. Em homenagem ao seu irmão que era surdo, ela lutou e luta pelas causas dos surdos. Em Maceió ela participou da APAE (associação de pais e amigos dos excepcionais). Ela também coordenou a AAPPE (Associação amigos e pais de pessoas especiais). E o IRES (Instituto Bilíngue de Qualificação e Referência em Surdez) foi fundado em 2018, em prol a educação dos surdos.

Na região nordeste do país, em Aracaju, foi fundado em 2002 o Instituto Pedagógico de Apoio à Educação do Surdo de Sergipe (IPAESE), que “é denominada como educação bilíngue, tem como língua de instrução a Libras e o principal público alvo é a pessoa com surdez”. (NASCIMENTO; NASCIMENTO, 2017). A IPAESE surgiu dos próprios pais dos surdos, preocupados com o futuro dos seus filhos, com a falta de atendimento educacional especializado. Com a participação exclusiva dos pais no movimento, inclusive no local para dar início à educação, o primeiro local de funcionamento do instituto foi na casa da mãe de um dos surdos, mas com o passar dos anos começou uma maior quantidade de alunos e então tiveram que se mudar para outro local, então foram para a Igreja Batista de Aracaju, nos anos seguintes a demanda também cresceu e eles foram para um local alugado, para suportar um maior quantitativo de pessoas. Nesse instituto é ofertado para os alunos surdos uma educação bilíngue.

Portanto, vimos neste tópico o quão importante é a educação bilíngue para os surdos, já que nesse modelo de ensino os surdos aprendem duas línguas simultaneamente, sendo que a língua de instrução utilizada para aprender uma segunda língua é a sua língua materna, ou seja, esse processo proporciona que o ensino e aprendizagem aconteça de forma natural, agradável para o aluno surdo.

Nesta próxima seção trataremos o percurso metodológico, em que será mostrado como foi realizado todo trajeto de elaboração da nossa pesquisa.

3. PERCURSO METODOLÓGICO

A presente pesquisa se deu por meio de uma curiosidade particular que gerou um problema de investigação: qual a situação educacional e linguística dos surdos da cidade de Pariconha-AL. A pesquisa foi realizada na rede municipal de ensino, e com as famílias dessas pessoas com surdez. Até então nós tínhamos apenas uma concepção de que os surdos desta cidade não sabiam Libras, mas que tentavam se comunicar por meio de gestos, e que mal conseguiam fazer leitura labial, mas como não tínhamos um contato direto com esses surdos,

isso se tornava apenas um achismo. Precisávamos de respostas vindas de pessoas que convivem com os surdos, como por exemplo, familiares e professores. Então a presente pesquisa nos proporcionou conhecimento com relação à realidade que vivem os surdos.

O presente trabalho tem o intuito de descobrir como esses surdos se comunicam e a situação educacional dos mesmos, já que não sabem Libras. Antes de elaborar o roteiro desta pesquisa, o que pode nos ajudar na sua elaboração, assim como mencionado acima, foi questionar, e a partir de então, gerar algumas hipóteses, porque foi através dessas hipóteses que foi pensado e elaborada uma melhor entrevista, tanto para professores quanto para familiares. As hipóteses são: quanto à comunicação usam gestos, mímicas, leitura labial e oralizam, não sabem Libras. A segunda categoria foi, não há comunidades surdas e os surdos não aprendem libras por não ter contato com essa comunidade. E a última categoria foi dificuldades causadas pela ausência da Libras, dentro e fora da escola.

Como mencionado anteriormente a pesquisa foi realizada na zona rural e urbana da cidade de Pariconha-AL, localizada no sertão alagoano, em que tem uma população de 10.533 habitantes segundo uma pesquisa atualizada pelo IBGE (2019) e área territorial 254,719 km². As modalidades de ensino ofertadas pelo município são: creche e pré-escola, ensino fundamental do 1º ao 9º ano, e atendimento educacional especializado (AEE), mas reconhecida na escola como sala de recursos, funcionando apenas duas vezes por semana. Os alunos desta sala, considerados alunos com necessidades educacionais especiais, recebem atendimento em um horário oposto ao horário de aula do ensino regular.

Antes de começar a pesquisa fomos à Secretaria Municipal de Educação da cidade de Pariconha-AL, para obter informações como: horário, quantidade de alunos surdos, idade e em quais anos os alunos surdos estavam distribuídos dentro das escolas. A secretaria de educação concedeu dados de duas escolas da zona rural e uma da zona urbana, que foram os seguintes dados:

Tabela 1 – Quantidade de alunos surdos, ano de ensino e idade, do município de Pariconha-AL

Zona	Quantidade de alunos	Ano de ensino	Idade
Pariconha	1	8º	14 anos
Marcação	1	1º	7 anos
Campinhos	2	6º e 8º	13 e 18 anos

Fonte: Secretaria Municipal de Educação de Pariconha

Para obter dados mais abrangentes, como o número de surdos que há na cidade de Pariconha, para ter acesso a essas informações fomos à sede do IBGE, que está localizado na cidade de Delmiro Gouveia-AL. Os dados que serão apresentados são apenas da cidade de Pariconha. Conseguimos estes dados a seguir:

Tabela 2 – Número de surdos da cidade de Pariconha-AL

Categorias	Zona urbana	Zona Rural	Total
Não conseguem ouvir de modo algum		4 pessoas	4 pessoas
Grande dificuldade para ouvir	57 pessoas	161 pessoas	218 pessoas
Alguma dificuldade para ouvir	96 pessoas	325 pessoas	421 pessoas

Fonte: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 2010.

Esta pesquisa tem coleta de dados de cunho qualitativo, sobre esse tipo de pesquisa Oliveira (2007) nos traz a seguinte afirmação.

A pesquisa qualitativa pode ser caracterizada como sendo um estudo detalhado de um determinado fato, objeto, grupo de pessoas ou ator social e fenômenos da realidade. Esse procedimento visa buscar informações fidedignas para se explicar em profundidade o significado e as características de cada contexto em que encontra o objeto de pesquisa. Os dados podem ser obtidos através de uma pesquisa bibliográfica, entrevistas, questionários planilhas e todo instrumento (técnica) que se faz necessário para obtenção de informações. (OLIVEIRA, 2007, p. 60).

O instrumento para coleta de dados foi entrevista semiestruturada, que se mostrou uma forma viável para a investigação, pois possibilita obter respostas reais e ter um contato maior com a realidade das pessoas porque pode sentir suas emoções, e porque a entrevista “é uma técnica muito eficiente para a obtenção de dados em profundidade acerca do comportamento humano”. (GIL, 2008, p. 110).

Assim, foram construídos roteiros diferentes para as entrevistas, ou seja, um para os professores e outro para os familiares. Visto que o foco das perguntas e curiosidades são outras. O roteiro para a família continha 11 perguntas, e o roteiro para professores continha 10 perguntas, com exceção da professora AEE que continha 12 perguntas, contabilizando 2 per-

guntas a mais do que o roteiro de seus colegas. Os roteiros da pesquisa de campo se encontram nos apêndices deste trabalho.

Todas as entrevistas foram gravadas por meio de um aparelho celular, com o consentimento dos entrevistados e posteriormente transcritas. Foram escolhidos 6 professores, 1 do gênero masculino e 5 do gênero feminino. A segunda entrevista foi com 4 famílias de surdos, sendo 1 menina e 3 meninos surdos. Durante as entrevistas foi utilizado um diário de campo para anotar com detalhes todo o processo da nossa entrevista, tudo que foi considerado relevante para este trabalho, este diário também se encontra nos apêndices deste trabalho.

Posteriormente fomos nas escolas para saber o endereço dos familiares, primeiro na escola da zona urbana de Pariconha-AL, chegando lá os dados da secretaria não conferiram com os dados da escola, pois a diretora falou que atualmente só tinha 1 aluna do 8º ano que tem 14 anos, ao retornar na secretaria a resposta foi que esses números não estão de acordo porque esses alunos não compareceram à escola, ou seja, os alunos evadiram.

As diretoras foram atenciosas e prestativas, concederam-nos o endereço das famílias na qual se localizavam próximas às escolas, foi entregue também os horários e números de telefone dos professores para que fosse possível a entrevista, que segundo Gil (2008, p.109) “pode-se definir entrevista como a técnica em que o investigador se apresenta frente ao investigado e lhe formula perguntas, com o objetivo de obtenção dos dados que interessam à investigação”.

As primeiras entrevistas foram realizadas com as famílias, sendo 4 famílias todas em suas residências, onde nos receberam com gentileza e educação, apesar de alguns ficarem com timidez. Posteriormente com 7 professores, sendo que o local da entrevista foi escolha dos mesmos, alguns optaram pela sala de aula, posterior ao seu horário de trabalho, e outros optaram por suas residências, pois foi dito a esses colaboradores que poderíamos ir até suas residências, se assim escolhessem, para que se sentissem à vontade no local de escolha. Achamos o número de participantes satisfatório, pois a quantidade de participantes nas entrevistas determinado pela qualidade das informações colhidas. (DUARTE, 2002). Vale ressaltar que o número de pessoas aqui entrevistadas nos deu informações relevantes para a presente pesquisa.

Diante dos termos corretos foi dito a todos os participantes que suas identidades seriam preservadas se assim preferissem, lhes foi dito que seria utilizado nomes fictícios nas suas entrevistas, para que não fossem expostos, assim foi perceptível que a maioria se sentiu mais à vontade para responder às perguntas. Foi entregue para cada um deles um termo de consentimento para que entendessem o objetivo da entrevista, onde estava escrito também

seus direitos como colaboradores da pesquisa. Alguns preferiram que disséssemos o que estava escrito no termo, foi explicado, assim não hesitaram quando solicitado para assinar.

Neste trabalho as mães dos surdos serão apresentadas com nomes fictícios e durante o texto serão denominadas por Mãe 1, Mãe 2, Mãe 3 e Mãe 4. Segue Tabela dos nomes fictícios e denominações dos familiares.

Tabela 3 – Nomes fictícios dos familiares dos surdos

TEREZA	MÃE 1
MARIA	MÃE 2
JOSEFA	MÃE 3
LUÍZA	MÃE 4

Fonte: Autora do texto

Portanto, ao final das entrevistas pedimos para que os entrevistados assinassem o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), para comprovar que responderam todas as perguntas. Todos assinaram sem nenhum receio já que estavam cientes do que se tratava. O documento TCLE está localizado neste trabalho em Apêndice A, p. 59.

Posteriormente ao procedimento das entrevistas, a análise foi selecionada em três categorias, em seguida foi feita análise de conteúdo, em que podemos expor nosso ponto de vista diante de todas as respostas, para ajudar nesse processo de escrita nos baseamos em diversos autores.

Para análise dos dados foi necessário transcrever tudo o que foi relatado em entrevista e gravado em áudio. Em seguida, foi realizada uma primeira leitura, para seleção das falas dos entrevistados que consideramos ter mais relevância para o trabalho, de acordo com as três categorias definidas, já que a entrevista foi consideravelmente rica em dados.

Na seção seguinte, traremos as categorias de análise a partir das respostas dos participantes da pesquisa (pais e professores), já que os mesmos se relacionam com os surdos e suas contribuições são bastante reveladoras no que diz respeito aos surdos, possibilitando-nos algumas discussões. Traremos também alguns embasamentos teóricos correlacionados às respostas.

4. RESULTADO E ANÁLISE DOS DADOS

Nesta seção mostraremos o resultado da coleta de dados e as análises dos dados obtidos junto aos familiares e professores, para nos ajudar a descobrir qual a situação educacional e linguística dos surdos na cidade de Pariconha. Os resultados foram observados sob três categorias. A primeira categoria a ser apresentada é: Quanto à comunicação: usam gestos, mímicas, leitura labial e oralizam. Não sabem Libras. A segunda categoria é: Não há comunidades surdas e os surdos não aprendem Libras por não terem contato com essa comunidade. E a última categoria é: Dificuldades causadas pela ausência da Libras, dentro e fora da escola. Em cada uma dessas categorias citadas, com base nas entrevistas serão expostas a realidade dos surdos da cidade de Pariconha-Al.

4.1 Quanto à comunicação: usam gestos, mímicas, leitura labial e oralizam. Não sabem Libras

Percebemos nas entrevistas com familiares e professores que a comunicação dos surdos é por meio de gestos, mímicas, leitura labial, mas esse meio de comunicação ocorre com dificuldade. É o meio de comunicação que não é natural, mas que foi necessário para a realidade em que vivem atualmente, já que não sabem a Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS), como falado anteriormente é a língua natural dos surdos. Sendo assim, perguntado como é a comunicação com seu filho a (Mãe 1), respondeu da seguinte forma: “pela boca ele já sabe, né? A gente conversa com ele e se ele tiver olhando para a boca da gente ele entende a pessoa” (Mãe 1). Percebe-se na afirmação que ela está se referindo a leitura labial, é nítido o quanto esse recurso faz parte não apenas desta família, mas de todas que participaram da entrevista.

As falas a seguir se referem também à leitura labial, a (Mãe 3) fala da dificuldade do seu filho em fazer leitura labial mesmo sendo um dos recursos de comunicação mais utilizado por ele, sobre isso ela diz o seguinte: “as vezes ele não entende, a gente diz uma frase, se a frase for longa ele não consegue alcançar ela toda, um texto, por exemplo. Na escola ele tem muita dificuldade, muita, ele reprovou o ano passado porque ele não tinha aparelho”. (Mãe 3). Em relação a essa mesma questão a (Mãe 4) menciona sobre seu filho fazer leitura labial para facilitar a compreensão ela fala que: “se ele estiver assim sem o aparelho e a pessoa chegar assim e dizer, ei, ele vê que a pessoa está falando com ele, ele entende pela boca da gente, ele sabe. Ele vê. Se não, pode falar com ele, não está nem aí”. (Mãe 4). Numa outra fala, mas com o mesmo intuito, a (Mãe 4) diz que: “antes eu tinha que fazer algum sinal pra ele com a mão, tinha que tocar nele, para ele ver que a pessoa estava falando com ele, isso antes dele

usar o aparelho”. (Mãe 4). Podemos perceber que essas duas mães estão fazendo colocações sobre o aparelho auditivo, como se o aparelho resolvesse a falta de audição dessas crianças.

Discorrendo dessas afirmações podemos dizer que há muita dificuldade para a comunicação, pois os gestos e a leitura labial não são o meio de comunicação mais adequado. Sobre leitura labial Gesser (2009) diz que,

[...] é o jeito desengonçado dos ouvintes quando dependem dessa forma comunicativa para travar uma conversa com o surdo: articulam exageradamente as palavras, falam muito alto, quase gritando (não esqueçam os interlocutores são surdos!), outras vezes soletram demasiadamente as letras e sílabas. (GESSER, 2009, p. 61).

Sobre o aparelho auditivo a (Mãe 2) relata que sua filha se incomoda com esse objeto.

Ela ganhou o aparelho, ela não usa direto, mas ela usa aparelho é porque ela diz que as vezes incomoda, que fica doendo o ouvido, quando vai para escola que tem muita “zoada”, dói o ouvido dela. Ela com o aparelho na escola ela diz que não aguenta a “zoada”. (Mãe 2).

O aparelho auditivo assim como agrada alguns surdos pode ser desagradável para outros. Alguns surdos gostam do aparelho para captar sons como de campainha, telefone, buzina entre outros. “No caso de surdos profundos, de nascença, o que se obtêm ao fazer uso de aparelhos auditivos são apenas ruídos fortes que são muito desagradáveis”. (GESSER, 2009, p. 74).

Os professores falam da dificuldade na comunicação com os surdos, pois ambos não compartilham de uma mesma língua, isso acaba dificultando na interação dos mesmos, ou seja, acabam recorrendo a recursos como, gestos, mímica e principalmente leitura labial, porque é um recurso que mesmo não sendo tão eficiente é o que viabiliza uma comunicação ainda que seja pouca. Com isso o ensino e a aprendizagem dos surdos acabam ficando prejudicado porque não há uma interação entre professor e aluno, não há um profissional na área de Libras para intermediar nesse processo educacional.

A professora da citação abaixo fala que os professores não têm um apoio para ajudar no desenvolvimento desses alunos, ela diz que as famílias deveriam buscar conhecer sobre a língua de sinais para ajudar seus filhos tanto para a comunicação quanto no processo de ensino. O contexto em que se encontra as famílias, onde pouco se sabe sobre a língua dos surdos e outras nem conhecem, e todas querem que seus filhos sejam oralizados, confiantes de que o aparelho auditivo vai torná-los ouvintes, ou seja, fica mais distante de aprender a língua natural dos surdos que é a Libras. Vemos na citação a seguir:

Aqui na escola a gente se comunica olhando, olho no olho, mas assim é uma comunicação que não flui muito efeito, porque eles não entendem, não ouvem a gente, e assim muitos não são alfabetizados, muitos não, que não são tantos, mas não são alfabetizados porque eles não conseguem ouvir a gente, então a única forma de tentar ajudá-los é olhando pra eles pra ver se eles entendem o movimento da nossa boca. A gente não pode ajudar esses alunos porque a gente não tem um apoio, até porque a família que deveria iniciar. Eu creio que a família é muito importante nesse sentido de iniciar esse trabalho e procurar aprender, para quando o aluno vir para a escola ele já ter uma base do que quer falar. (Professora B).

Sobre isso como já foi citado em (QUADROS, 1997) a criança surda só irá se integrar à comunidade ouvinte se ela se identificar com seu grupo, caso contrário ele diz que terão dificuldades para se comunicar. Podemos perceber que é isso que acontece quando não fazem uso da língua de sinais, quando não participam das comunidades surdas, dessa forma, não conseguem interação em nenhuma das comunidades (surda e ouvinte).

A professora que não sabia que a leitura labial era um tipo de comunicação hoje tem uma visão de que o meio mais eficiente de comunicação é por meio da leitura labial, ela tem conhecimento de que a dificuldade na oralização e na escrita é por causa da ausência da audição. Sobre isso ela diz que: “hoje eu descobri que é principalmente por gesto e leitura labial e comunicação escrita, o problema é na comunicação oral, como eles não conseguem ouvir bem, eles não acompanham, mas na comunicação escrita conseguem”. (Professora C).

A comunicação por meio de gestos como foi relatado acima é um recurso utilizado por familiares e professores, quando os surdos não conseguem transmitir o que precisam por meio de um desses recursos partem para outro até conseguir comunicação. A (Mãe 2) fala que sua filha quando quer se comunicar também usa gestos, ela relata que “tem vezes que ela não ouve direito a pessoa, mas se ela ficar de frente, se ela ver eu falando assim ela entende mais. Se ela quiser falar ela fala com a mão, as vezes quando ela quer dizer, comer, ela faz “assim” com a mão”. (Mãe 2).

Podemos perceber na fala da mãe que ela sente a necessidade de dizer que a filha não ouve bem, como se negasse que a filha não consegue ouvir as palavras. O que ela consegue ouvir são alguns ruídos ou sons mais altos, mas por ela fazer leitura labial a mãe prefere dizer que ela não ouve bem. Perguntado na entrevista a essa mesma mãe se sua filha soubesse Libras e todos do seu convívio também compartilhassem dessa mesma língua, se seria mais fácil para todos na comunicação, a mãe fez a seguinte declaração:

Aí ela iria esquecer de falar. Né? Iria falar só em Libras. Eu queria que ela soubesse os dois (línguas), só assim tudo que fosse falar iria falar direito. Só que eu não entendo Libras. Se a escola fosse uma escola que pensasse nas pessoas, assim seria

melhor, porque eles não entendem, eu entendo perfeitamente e eles não entendem. (Mãe 2).

Atualmente sua filha oraliza algumas palavras, mas com muita dificuldade, essa mãe demonstra um receio, só em pensar na possibilidade de sua filha deixar de oralizar para se comunicar apenas em Libras, na sua percepção seria conveniente aprender Libras, para que sua filha oralizasse com mais eficiência, porque para ela o importante é a oralização.

Sobre essa situação linguística entre os familiares Guarinello (2007) nos mostra que:

[...] os pais ouvintes tem muita dificuldade para se comunicar com seus filhos surdos; assim a interação que deveria acontecer entre eles muitas vezes não ocorre de forma natural, é forçada, sistemática, pois os pais sentem-se mais confortáveis usando a fala e a audição, e as crianças surdas adquirem linguagem principalmente por meio da visão. O papel dos pais que deveria ser de mediadores na construção de linguagem geralmente falha, e o desenvolvimento linguístico da criança, que deveria acontecer em casa, fica sob responsabilidade da escola ou das clínicas de reabilitação. (GUARINELLO, 2007, p. 53-54).

Podemos observar na fala seguinte da (Mãe 3), quando ela está conversando com alguém seu filho tem curiosidade para saber o que está acontecendo ou qual o assunto da conversa, ele quer fazer parte desse meio comunicativo, as vezes se frustrando por não conseguir fazer leitura labial, e para isso ele pergunta oralmente para a sua mãe o que foi que conversaram. “Às vezes quando a gente diz uma coisa, está conversando, ele não entende, ele diz assim: diga mãe, diga mãe o que foi que você disse, diga mãe. Fica bravo, se agita, aí eu falo e ele não ouve, aí eu falo mais alterado aí ele entende. (Mãe 3).

Como a surdez não é diagnosticada de imediato, talvez por falta de conhecimento do que é a surdez, muitas vezes acabam diagnosticando de forma errônea outras doenças que a criança na maioria das vezes não possui. Por não ouvir, conseqüentemente, a maioria dos surdos não conseguem oralizar como um ouvinte, é com dificuldade que saem as palavras, as vezes difíceis de serem compreendidas. Na fala da mãe 2 podemos notar que antes de descobrir a surdez de sua filha ela achava que era língua pegada, já a mãe 4 podemos ver que ela não sabe que a fala com “erros” e dificuldades é por causa da surdez de seu filho, como ele não ouve ele não consegue reproduzir corretamente como um ouvinte. Segue fala da mãe: “assim, as vezes sim, porque ele também tem a língua pegada, aí as vezes ele fala alguma coisa, engole as letras, engole as palavras, e fala pela metade”. (Mãe 4).

Assim, eu achava que era língua pegada (risos) que ela tinha, que não falava direito, o médico disse: “quer que eu corte um pouquinho debaixo da língua, para ela soltar mais a língua”? Eu não quis fazer cirurgia disso não, depois que eu fui para essa médica fazer o exame de adenoide, foi aí que eu descobri que ela era surda. (Mãe 2).

Assim como a comunicação é difícil para a família é também para professores, porque não sabem a língua de sinais e mesmo usando outros meios de comunicação ainda assim é difícil ter uma interação entre professor e aluno, portanto podemos observar na fala dos professores que os alunos são excluídos das atividades em sala, o (professor A) justifica que não pode dar atenção para os surdos porque há vários outros alunos e que segundo ele é mais vantajoso para esse aluno surdo aprender na sala de recursos (AEE), onde há pouquíssimos alunos, sendo assim a professora consegue dar mais atenção para esses alunos. Sabemos que os surdos estão na sala regular para aprender como o ouvinte, para isso precisam de profissionais qualificados para o seu desenvolvimento. Já na afirmação da (professora B) fala que os alunos não são atendidos como os demais, pois ficam sem fazer nada e quando fazem é apenas transcrição dos assuntos do quadro, ela diz procurar ajuda da secretaria, mas é em vão. Vejamos o que dizem esses professores: “a gente tem 40 alunos, a gente não pode dar atenção só a 1, agora G***** tem só três, quatro, e ela trabalha com eles. Eles se comunicam por gesto, por fala”. (Professor A, nome da professora suprimida pela autora).

Eles ficam como se fossem ovelhinhas paralisadas aqui na sala de aula, eles simplesmente sentam e ficam. É como se fossem fantoches ali, e quando a gente vai em direção a eles para ajudar, ou então coloca algo no quadro eles tentam copiar e tal, como se fossem os outros alunos, mas eles são inclusos aqui como faz de conta, a gente cobra direto da coordenação com relação aos especiais, porque tem a coordenação dos alunos especiais do município e simplesmente eles dizem: “não tem uma receita pra vocês trabalharem com os alunos especiais, vocês têm que dar um jeito de arrumar cinco minutos para ajudá-los”. (Professora B).

Se a educação no ensino regular fosse pensada também para os alunos surdos, não apenas os surdos seriam beneficiados, mas também todos os ouvintes do ambiente, pois ambos compartilhariam suas culturas. Sobre isso Brito e Sá (2011) dizem que:

A convivência de surdos com ouvintes, e vice-versa, possibilita a cada um dos sujeitos um enriquecimento da própria cultura, uma ampliação em termos de linguagens. A convivência também oportuniza a quebra de tabus, permitindo identificar no surdo suas diversas potencialidades e competências, bem como suas qualidades, além, como é claro, de suas dificuldades; nesse processo interrelacional, pode-se encontrar grande proveito nessa troca cultural. (BRITO; SÁ, 2011, p. 201-202).

Podemos observar na citação da professora abaixo ela faz uma menção sobre a utilização do aparelho auditivo, de uma forma que dar a entender que o uso do aparelho resolve a comunicação por meio da audição. Mas há uma contradição sobre essa fala, porque ao mesmo

tempo que ela diz que usam aparelho e que por esse motivo não tem tanta dificuldade, logo a mesma diz que se comunicam por meio de gestos e leitura labial.

Os alunos que temos do 6 ao 9º eles utilizam aparelho, então assim, não tem muita dificuldade não de se comunicar com eles. J*** A***** passou um tempo sem usar aparelho, porém, se falar diretamente com ele, por gesto ele entende, ele faz leitura labial e ouve um pouco porque ele não é totalmente surdo, ele tem uma porcentagem de surdez, mas não é totalmente surdo. (Professora D).

Sobre essa fala da (Professora D) podemos dizer que o aparelho auditivo não torna surdos pessoas ouvintes, o que o aparelho faz é ampliar um som, sobre isso Gesser (2009) nos diz que “o que os aparelhos auditivos fazem é ampliar um som, que possivelmente funcionaria para pessoas mais idosas que, com o passar do tempo, perdem parte de sua audição, ou mesmo para aqueles que tem um resíduo auditivo maior”. (GESSER, 2009, p. 74).

Nas falas das três professoras a seguir elas relatam que não utilizam e não sabem Libras e que os alunos também não sabem Libras, uma delas fala que a professora de educação especial pode já ter orientado, mas é apenas o básico, portanto a comunicação é por leitura labial, gestos e oralização. Uma delas mostra uma indignação por parte dos pais, pois diz conhecer àqueles que fizeram formação na área de Libras, mas só cobram dos professores. Podemos observar nessa fala que a professora gostaria que esses pais contribuíssem mais, já que conhecem Libras. Vale ressaltar que a (professora B) não fala dos seus atuais alunos, mas que já passaram pela escola, ela se refere a uma mãe em específico, não citando nomes. “Creio eu que não, acho que a professora de educação especial já orientou sobre isso, só que eu desconheço que eles conheçam algum sinal e eu também não os utilizo, e eles se comunicam pela fala mesmo, as vezes com dificuldade”. (Professora D).

Não temos, eu particularmente não tenho formação em Libras, e eles também não têm, e a comunicação é feita através da linguagem oral, escrita e através de gestos e a leitura labial também, que na verdade eu vim descobrir depois, que a leitura labial era um tipo de comunicação, porque eu não sabia. (Professora C).

Eles não sabem Libras, até onde eu tenho contato não, os pais as vezes querem buscar. Eu conheço pais de alunos que são surdos que já fizeram a formação em Libras, mas só cobra da escola. Profissionais da própria educação que fazem parte do nosso quadro, culpam apenas a escola, e tem o seu lado de razão, mas se esse profissional é especialista na área, se ele tem formação nessa área, não seria fácil para ele ajudar a escola também? (Professora B).

Portanto, a partir dos relatos obtidos, podemos constatar que a principal via de comunicação tanto na escola quanto com a família é a leitura labial. Como os surdos cresceram no meio de uma família ouvinte foram “obrigados” a entender o português oralizado. Houve a necessidade de uma comunicação, e foi esse meio que eles encontraram de

se comunicar, mesmo com muita dificuldade de entender a língua, já que a ausência de audição não permite que tenham facilidade e compreendê-la, ou seja, é de uma forma sistematizada, uma forma que não é natural, mas algumas famílias acham que por estar utilizando o aparelho auditivo esse surdo vai ouvir como um ouvinte, e na escola, em sala de aula não é diferente, alguns professores acham que eles ouvem, mas na verdade é porque eles conseguem fazer leitura labial mesmo que com muita dificuldade. E o segundo ponto dessa via de comunicação é por meio de gestos, quando não conseguem por leitura labial.

Podemos perceber na fala da (Mãe 2) que ela gostaria de se comunicar por meio de uma língua, mas ela não prioriza a Libras, porque é ouvinte e não sabe Libras, ou seja, ela tem medo da filha aprender Libras e desistir de tentar oralizar com a família. Podemos perceber uma falta de conhecimento, porque se sua filha soubesse a Libras, que é a língua natural do surdo, mesmo que sua família não soubesse se comunicar por meio da língua de sinais, ela poderia estar mais desenvolvida, e não estaria tão dependente dos seus familiares, sendo que poderiam aprender a Libras na convivência do dia a dia.

Notamos durante o texto que há uma frustração por parte dos surdos, porque muitas vezes não compreendem uma simples conversa, uma palavra, uma frase, e muitas vezes até mesmo os ouvintes têm dificuldades de entender o que os surdos querem dizer.

Nenhum desses surdos sabem Libras, sabem algumas coisas básicas, como por exemplo, letras do alfabeto manual. Mas aprenderam não na sala regular, mas na sala de recursos, que é uma sala conhecida como atendimento educacional especializado (AEE), mas nessa sala é apenas o básico que lhes é ensinado.

Na turma regular os professores mal conhecem a Libras, alguns não sabem que a Libras é uma língua, acham que é uma linguagem. Muitos alegam uma falta de suporte para ter uma especialização nesse atendimento de alunos surdos, outros acreditam que o maior atendimento e conhecimento voltado para a Libras e a pessoa com surdez está nas grandes cidades, pois nestes lugares há comunidades surdas, há uma interação entre surdos, porque utilizam e compartilham de uma mesma língua que é a Libras. Já em cidades menores do interior, como Pariconha-Al, município da nossa pesquisa, não há comunidades surdas, os surdos que há nela não têm acesso a sua língua materna, que é a Libras, ficando à margem da sociedade, ou seja, sendo forçados à oralização.

4.2 Não há comunidades surdas e os surdos não aprendem Libras por não terem contato com essa comunidade

Podemos observar a partir das entrevistas que os surdos destas escolas não têm contato com a Libras, não há comunidades surdas. Por ser um lugar distante das maiores cidades o acesso a essa determinada língua acaba ficando inacessível a esses surdos que moram no interior, acabam convivendo apenas com pessoas ouvintes, pessoas que prezam pela oralização desses surdos. As famílias não conhecem a língua natural de seus filhos, que é a Libras, conhecem o pouco que é ensinado na sala de recursos, ou seja, como no primeiro comentário que a (mãe 2) chama de “letrinhas”, deixando a entender que a Libras é apenas o alfabeto manual, ela diz que: “a Libras? Eu não conheço não, mas ela foi para a escola (filha), teve um professor que ensinou algumas coisas para ela, aí diz alguma coisa. [...] Ela sabe, que as vezes faz umas letras com as mãos”. (Mãe 2).

A falta de conhecimento sobre a pessoa surda faz com que se direcione a várias hipóteses dentre elas estão: que o surdo é doente, que tem ‘língua presa’ e entre outras, mas a causa da oralidade não perfeita, se dá pelo simples fato de que o surdo não é ouvinte, por não ouvir, conseqüentemente, não fala perfeitamente. Sobre isso a (Mãe 4) diz que “não tem como ele falar as palavras normal, correto, eu acho que ele não fala normal como a gente, as vezes vai falar uma palavra e ele quer falar, mas só que ele engole as palavras”. Nesse mesmo sentido a (mãe 1) fala o seguinte: “eu já estava acostumada com o jeito dela, eu já sabia que ela era surda porque eu falava com ela e ela não ouvia direito, ficava de costas, chamava ela e ela não ouvia direito e ela sempre foi uma menina doente, sempre”.

A (Mãe 3) mesmo com pouco conhecimento e tratando a Libras como se fosse apenas gestos e não uma língua, ou que é apenas o alfabeto manual e que é aprendida com interesse na oralização, sabe que a Libras é a Língua de seu filho, tem consciência de que se seu filho, que é surdo, soubesse a língua de sinais ele teria facilidade em aprender. Vejamos as falas: “essa ausência dessa comunicação de gestos, né? É uma língua, a língua deles ele não tem, não só ele, como vários alunos aí, né? Se ele tivesse eu acho que ele aprendia”. (Mãe 3), numa outra colocação ela diz o seguinte: “ele usando a Libras seria melhor, eu acho. Porque a Libras é com as letras, né? E através das letras ele iria aprender os números, iria aprender os gestos falados e lidos, eu acho. (Mãe 3).

Os estereótipos para com os surdos não vêm apenas de pessoas distantes de seu convívio, mas da sua própria família, pois acham que os surdos são coitados, consideram a surdez uma deficiência, que a pessoa surda é doente, e que são incapazes de exercer determinadas funções assim como um ouvinte, como se o surdo tivesse problemas intelectuais. Sobre isso a (mãe 1) diz que “se for a um cargo de emprego, você acha que uma pessoa surda e muda e uma pessoa normal, tu acha que vai ter o mesmo direito de uma pessoa boa com estudo”? Observa-se nessa fala que a família prevê um futuro incerto para esse surdo. Gesser (2009) nos mostra que os surdos conseguem se desenvolver normalmente ao lhe ser assegurado o uso de uma língua. Portanto, as pessoas devem saber que não é a surdez que vai comprometer o desenvolvimento das suas capacidades, mas sim a ausência de uma língua.

Podemos dizer que ainda hoje há um preconceito que persiste e é forte entre a sociedade. Os surdos já obtiveram muitas conquistas, mas para que eles alcancem seus objetivos quando adultos, no mundo competitivo em que vivemos, os surdos precisam estudar, se formar e se especializar, e para que esse processo aconteça os surdos precisam de profissionais qualificados que saibam a sua língua materna, eles precisam ter contato com outros surdos, com a comunidade surda, em que está localizada nos grandes centros.

Segundo Perlin (2010, p. 54) “o encontro surdo-surdo é essencial para a construção da identidade surda”. Os surdos que não têm contato com essa comunidade acabam se distanciando da sua língua materna, que é a língua de sinais, ficam a margem da oralização, acabam tendo uma educação inadequada. Quando fazem parte da mesma comunidade eles compartilham conceitos e hábitos iguais, sobre isso Guarinello (2007) diz que:

A concepção socioantropológica sustenta que os surdos formam uma comunidade linguística minoritária, que utiliza e compartilha uma língua de sinais, valores, hábitos culturais e modos de socialização próprios. A comunidade surda então, é aquela que utiliza a língua de sinais, possui identidade própria e se reconhece como diferente. A surdez passa, assim, a ser vista como diferença e não deficiência. (GUARINELLO, 2007, p. 32-33).

Diante dessa citação acima vemos que se faz necessário a relação social entre surdos. Podemos perceber que a (Mãe 1) tem consciência de uma forma indireta de que por não ter convívio com a comunidade surda, apenas com ouvintes, como consequência ele tem e terá mais dificuldades tanto na aprendizagem quanto nas relações sociais. Então ela faz o seguinte comentário.

Não tem o estudo fixo para isso, vamos dizer assim, uma dedicação, porque ai tem que ser todos os dias, igual aula normal, igual a nossa língua, como você acabou de dizer, nós temos todos os dias, tem em casa, que a convivência de casa ensina muito. Ninguém em casa tem o modo de conversar com ele, então vai ficar muito mais

difícil dele aprender igual uma criança normal, a criança normal vai aprender mais que o outro. (Mãe 1).

No próximo comentário o professor deixa a entender que a solução para alunos surdos deveria ser apenas a sala de recursos (AEE), porque segundo ele a professora que lá trabalha é especializada para ensiná-los. Ele faz a seguinte afirmação: “bom, existe a inclusão. O certo seria porque não pode separá-los dos normais, mas o método seria esse, é um método eficaz eles com aquela professora que já entende mais, porque ela se especializou um pouco, ela fez curso”. (Professor A).

Para esse mesmo professor, os alunos deveriam apenas se fazer presente na sala regular, sem executar as atividades propostas, quando ele diz que: “eles deveriam só participar na presença, interagir e não fazer esses trabalhos, atividades normais, porque tem aluno que aprende através do gesto, do olhar”. (Professor A).

Indo de contraposição sobre estas afirmações, podemos dizer que o ambiente escolar de ensino adequado é aquele em que os surdos não apenas são corpos presentes, mas atuantes no meio educacional, para isso os alunos surdos necessitam de profissionais qualificados para sua educação, sobre isso Rosa (2011) diz que,

Negar uma educação digna ao aluno surdo é o mesmo que negar seu direito constitucional de igualdade, educação e cidadania. Exigir que todo e qualquer aluno surdo frequente uma escola inclusiva é oprimir, colonizando o sujeito surdo de modo que ele aceite a cultura ouvinte como única e insubstituível. (ROSA, 2011, p. 152).

Seguindo uma mesma concepção do professor anterior a professora abaixo também não acha que o ensino regular é adequado para os surdos, já que ela não tem especialização, sendo assim não há comunicação, conseqüentemente, não haverá uma interação entre eles.

Não, ele só está ali mesmo para ser incluído, mas não acho adequado não, só está lá para socializar, só. Para não ser excluído, para não se sentir inferior aos outros, mas eu acho que não é interessante não. Mesmo porque tem outros alunos que tem lento desenvolvimento, só que não se compara a eles, sem comunicação não tem aprendizagem. (Professora D).

Podemos perceber na fala da (Professora D) que o ensino regular não está adequado para o desenvolvimento da pessoa com surdez, pois não estão preparados para o ensino dos mesmos. Sendo a escola um lugar que deve proporcionar meios, para que a criança socialize, interaja, com seus pares para se reconhecer no mundo, para que se sinta pertencente de um grupo e assim formando sua própria identidade. Sobre a falta de comunicação Favorito (2011) diz que,

Como nas relações familiares, a falta de uma língua comum entre professores ouvintes e alunos surdos torna a interação bastante penosa. Nesse caso, além de impossibilitar, como na família, a convivência social do ponto de vista afetivo, inviabiliza a aprendizagem formal. O ensino regular, primeiro contato da maioria desses alunos com a escola, é rememorado pelo sofrimento que esta situação de comunicação gerou. Numa sala de aula em que alunos e professores são ouvintes e a língua de instrução e de interação é o português oral, o aluno surdo se vê excluído do processo de construção de conhecimento. (FAVORITO, 2011, p. 126).

Diante dessa fala qual a conclusão que tiramos? Que são muitas as escolas com ausência de profissionais qualificados para o ensino e aprendizagem dos surdos, é uma realidade existente na nossa sociedade, em que os surdos deveriam ter seus direitos em funcionamento, e sobre isso duas das professoras abaixo afirmam que os professores não estão preparados e uma diz que os professores têm um certo preparo. A (Professora C) afirma que nenhum ensino é adequado, porque segundo ela, deveria ser inserida desde a educação infantil. Podemos perceber que a primeira professora confunde educação de surdos, com a educação de alunos com necessidades especiais, como se o surdo fosse deficiente, uma vez que a única coisa que nos diferencia é uma língua em comum, e a (professora C) podemos perceber que ela confunde a Libras que é uma língua como se fosse uma simples linguagem, já a (professora AEE) diz que os professores precisam se engajar mais no que diz respeito a educação dos surdos. Vemos a seguir:

De maneira alguma, porque os profissionais não estão capacitados, não estão preparados, essa é a realidade, essa é a verdade. Existe ali uma salinha, um laboratório para atender os alunos especiais, ela professora, ela fez uma capacitação voltada para esses alunos especiais, mas com relação à Libras somente voltado para os surdos eu desconheço. (Professora B).

Não, nenhum ensino é adequado para surdo ou deficiente auditivo, a educação dessa linguagem, que eu chamo de linguagem, a educação dessa linguagem tem que ser inserida desde a educação infantil, passar pela educação básica toda e ensino superior, tem que ser ensinado. (Professora C).

Bom tem um certo preparo, mas precisa melhorar, porque a gente trabalha com isso aí, a gente trabalha de acordo e eles também vão para a sala comum, lá na sala ele precisa muito do apoio do professor, que o professor não deixe ele ali de lado, mas que dê assistência para ele, porque só na sala de recurso não dar certo, na verdade fica nas duas salas em horários opostos, um horário ele fica na sala de recursos e no outro na sala regular e lá ele precisa ter apoio também para que haja aprendizagem. A escola toda precisa se envolver nessa parte, tem muitos deles que ficam nervosos porque não desenvolvem as tarefas, reclamam, o professor tem que está de olho nisso e fazer algo diferente para ele e que envolva a sala. (Professora AEE).

Portanto, podemos constatar que além de não ter comunidades surdas as pessoas mais próximas dos surdos não sabem do que se trata exatamente a Libras. A ausência de comunidades surdas, a ausência da Libras, faz com que alguns surdos se frustrem diante da

sua realidade, já que não conseguem se comunicar através da sua língua natural. Mas mesmo assim os surdos são levados a colocar o aparelho auditivo para “ouvir” e conseqüentemente oralizar. No relato da (Mãe 2), podemos perceber que o aparelho auditivo incomoda a garota, porque o aparelho faz muito barulho, isso nos leva a pensar se este aparelho está sendo eficaz para essa menina. As mães relataram que seus filhos mesmo com o aparelho auditivo não oralizam perfeitamente, sempre há algo mal compreendido, percebemos uma tristeza não apenas pela falta de audição, mas porque esses surdos não oralizam como o ouvinte. Sabemos que o aparelho auditivo não conserta a audição,

Além da oralização, leitura labial, as pessoas próximas aos surdos fazem sinais para se comunicar. Por essa falta de comunicação muitos surdos ficam perdidos nas aulas, porque o ensino é totalmente voltado para ouvintes, ou seja, como o ensino não é adequado para o aluno surdo as aulas tornam-se aulas tediosas, sem proveito de ensino e aprendizagem, até mesmo frustrante por parte do professor e principalmente do aluno surdo, pois ambos não conseguem se comunicar, são vários os surdos que não sabem a sua língua e sofrem a dura realidade de viverem afastados das comunidades surda.

Na escola regular de ensino os professores relatam que não sabem Libras e que os alunos surdos também não sabem a Libras, o (Professor A) em uma de suas respostas disse que os surdos deveriam estar em outra sala com uma professora que compreendesse a língua dos surdos, não só este professor, como todos os outros disseram que deve ter um espaço (sala) para os alunos surdos e todos eles disseram não ter capacitação para ensinar surdos.

A (Professora D) comenta que não acha adequado o ensino regular tendo em vista que eles serão apenas corpo presente, porque ela diz que sem comunicação não tem como, ou seja, sem uma comunicação não há ensino e aprendizagem.

A (Professora C) comenta sobre ambos saberem Libras, tanto a comunidade escolar como o aluno surdo para ter uma comunicação, mas que infelizmente as escolas não estão preparadas para esse atendimento.

Podemos constatar que, por não ter acesso a comunidades surdas, por não terem convívio com outros surdos ou pessoas que saibam a Libras, estes surdos não têm acesso a sua língua natural, a sua cultura, assim, uma vez não adquirida a sua língua materna não conseguem interagir adequadamente, já que convivem com ouvintes que não possuem uma língua em comum. Nesta categoria podemos perceber que os surdos não conseguem comunicação adequada tanto na escola, quanto com seus familiares.

4.3 Dificuldades causadas pela ausência da Libras dentro e fora da escola

A ausência da Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS), faz com que os surdos tenham dificuldades tanto dentro quanto fora da escola, os pais e professores reconhecem que a ausência de comunicação faz com que os surdos demorem a aprender, ou infelizmente alguns não aprendem, os professores dizem que a dificuldade é por não saberem Libras. “Todas, todas as dificuldades como que a gente vai atender todos os alunos se a gente não consegue dominar a Libras”? (Professora B). Já o (Professor A) fala que é porque eles não ouvem, que mesmo que explique o conteúdo ele não vai aprender por não estar ouvindo e que não sabem a Libras, então ele diz que: “porque não ouve, está explicando, mas não tá ouvindo, através dos gestos as vezes não entende, a gente não sabe a Libras, né”? (Professor A). A professora do AEE diz que os professores têm dificuldades porque não sabem lidar com a situação, que eles precisam pesquisar e colocar em prática o que aprendeu, é importante dizer que ela menciona o surdo como uma pessoa que tem deficiência, vemos a seguir

As dificuldades é que não sabem lidar com a situação, porque eu mesma sempre que me pergunta eu falo como deve proceder, mas precisa que você ponha em prática, e se o professor não pesquisa, não busca, não pergunta, fica difícil para ele lidar com essa situação porque o aluno deficiente na verdade não vai ficar quietinho lá, tem uns que você precisa estar de olho, precisa que o professor pesquise para repassar, para que haja aprendizagem. (Professora AEE).

Contudo se torna preocupante o ensino e aprendizagem dos surdos, já que o ensino é voltado aos ouvintes. Os comentários dos professores a seguir mostram que os alunos surdos não conseguem desenvolver as atividades já que não conseguem ouvir. Com relação a essa questão o (Professor A) fala o seguinte: “um pouco, um pouco, eles não aprendem, não pegam, tem uns que aprendem mais que outros; eu não estou com eles todos os dias, cada dia são professores diferentes”. A (Professora D) também mostra essa dificuldade que o surdo tem de executar as atividades ela diz que: “tem sim, e creio eu que em todas as disciplinas, porque como eles não conseguem ouvir, então uma explicação de matemática ele não vai conseguir desenvolver o problema, ele não consegue ouvir o problema”. A (Professora B) reclama do tempo que não tem para atender especialmente a esses alunos, fala ainda que não sabe como atender a esses alunos, quando tenta é utilizando o recurso da leitura labial.

Sim, com certeza eles não conseguem. A maioria dos alunos que tem problemas ficam ali esperando ajuda da gente, quando eu tenho tempo, há aulas que são duas horas aulas que a gente não tem tempo nem de respirar, aí como é que eu vou atender a esse aluno? Especialmente a ele, quando tem uma turma de aluno inquietos, desordeiros, como eu vou atender? É bem complicado não lhe dizer que tenho esse tempo

disponível e nem sei como atender, as vezes a gente tenta falar, como já lhe disse, com a leitura labial, pra ver se ele consegue entender, mas se ele não sabe ler, o que que ele vai fazer? Simplesmente copiar o que tá no quadro ou então transcrever o que está no livro. Eu simplesmente sinto que eles ficam alguns, né? Alguns ficam ali porque com certeza são instruídos em casa para participarem da aula, serem inclusos aqui, mas eu conheço alunos que já estudaram aqui nessa escola que são surdos e que passavam o tempo todo chamando atenção do colega porque não sabiam de nada, e a faixa etária não condizia com a série que ele estava. (Professora B).

Alguns professores relatam que como não há uma comunicação adequada com os surdos o ensino e aprendizagem é mais difícil, dizem que é complicado repassar os conteúdos de uma forma que aprendam, a (Professora E) fala que seu método de relacionar os desenhos com as palavras facilita na compreensão dos conteúdos. “É difícil, mas a gente tenta desenrolar, mas é aquela questão, a questão do tempo pra você se dedicar a ele, pra dar mais atenção, fazer com que ele entenda a gente, porque do mesmo jeito que ele não entende a gente, a gente também não entende”. (Professora F).

A maior dificuldade é na explicação dos conteúdos, imagine... Eu trabalho com um conteúdo que tem vida, a geografia, a dinâmica toda hora está mudando, eu utilizo muitos gestos, eu uso muito as mãos, eu brinco, eu danço, eu pulo, eu fico ali me perguntando se Nathan e José Armando entendem, eles riem aí eu compreendo que eles entendem. (Professora C).

J***** tinha muita dificuldade na aprendizagem porque ele não ouvia. A gente só falando ele não entende, as vezes ele entendia a disciplina de Inglês, porque eu coloco desenho no quadro com as palavras soltas, o vocabulário, eu desenhava, por exemplo: as frutas, peças de roupa, essas coisas de vocabulário mais simples. (Professora E).

Seguindo ainda essas falas das professoras acima podemos constatar que as professoras mesmo com dificuldade de transmitir os conteúdos tentam passar como sabem, sobre isso Moura (2011) fala que:

O que se pode observar também é o desespero da professora que tenta valentemente passar para os alunos o conteúdo da aula, mas que se mostra completamente impotente frente à tarefa que lhe é colocada à frente. As tentativas que ela faz se relacionam a procurar completar turnos de comunicação, procurando levar algum tipo de conhecimento, qualquer um, aos seus alunos. (MOURA, 2011, p. 160).

Se os surdos fossem expostos à Libras desde cedo, se houvesse comunidades e se as pessoas da instituição de ensino usassem a língua de sinais como relatado acima, eles não teriam nenhuma dificuldade, no que corresponde a uma língua.

Sim, sim, plenamente se eles tivessem alfabetização em Libras, se eu fosse alfabetizada em Libras ou qualquer profissional da escola, e eu não falo só professor não, viu? Do vigia à merendeira, ao gestor, ao coordenador, ao professor, ao coleguinha,

teria dificuldade nenhuma, mas infelizmente eles ficam em desvantagem sim, vou dizer que não? Tem o AEE que supre, ajuda muito, muito, muito, mas não é suficiente. (Professora C).

Sendo que assim deveria ocorrer já que é um direito dessas crianças, ter profissionais e pessoas para atendê-las porque assim como nos mostra Rosa (2011, p. 144) “[...] é imprescindível a naturalidade de poder usar a língua de sinais no espaço socioeducacional, de poder contar com ILS na sala de aula, de participar de palestras, ou ainda de ter professores surdos ministrando aulas no meio educacional”.

As mães a seguir relataram as dificuldades de aprendizagem que percebem em seus filhos, elas relataram da seguinte forma: “ela não sabe ler, ela sabe escrever bem, agora não sabe ler, ela assina o nome dela já, se mandar ela fazer o nome bolo, casa, essas coisas assim que ela já aprendeu, já”. (Mãe 2).

Não, a dificuldade que ele tem é porque não fica quieto, a professora diz que ele não fica quieto, ele sabe o nome pela metade, as coisas que ele faz, que ele sabe fazer mesmo, que ele tem prática mesmo é de fazer desenho, mas as vezes ele faz um desenho que não entende, tem nem noção do que ele tá fazendo ali, aquele desenho, pinta, na cabeça dele ele sabe o que é, mas a gente não sabe identificar o que é. (Mãe 4).

A dificuldade dele é o raciocínio, ele não tem assim matemática, por exemplo, nossa é difícil para ele, se é assim eu acho que além da surdez dele ele tem mais outro problema, que a gente ainda vai descobrir, porque se você falar uma coisa para ele agora, ele lê uma coisa agora, com um tempo depois parece que ele esquece, por exemplo: uma conta de matemática. (Mãe 3).

Diante das falas das mães acima podemos ver que seus filhos estão com dificuldades na aprendizagem, e isso não é por terem problemas cognitivos, assim como menciona uma das mães. Por que será que os alunos estão com dificuldades para aprender? O que podemos perceber é que há problemas no processo de ensino aprendizagem desses alunos surdos. Por que o aluno mencionado acima não fica quieto na sala? Talvez ele esteja impaciente por não estar compreendendo o que está sendo dito pelas pessoas a sua volta, não consegue entender as explicações de sua professora. O ensino para com os surdos acontece de uma forma mecânica e descontextualizada. Sendo assim, o que falta para que esses alunos aprendam é uma oportunidade. Sobre isso podemos discorrer do que diz Gesser (2009):

[...] há quem pregue que o surdo não aprende os conteúdos escolares porque tem mais dificuldades que os ouvintes. [...] não se trata de dificuldade intelectual e sim de oportunidade. Oportunidade de acesso a uma escola que reconheça as diferenças linguísticas, que promova acesso à língua padrão; que, no caso dos surdos, tenha

professores proficientes na língua de sinais; que permita a alfabetização na língua primeira e natural dos surdos. (GESSER, 2009, p. 57-58).

A professora abaixo diz que os professores precisam estar sempre ajudando os surdos, fazendo leituras, sobre essa leitura acreditamos ser de forma não verbal, já que a mesma diz que mostra gravuras.

Eles têm dificuldades, precisam que o professor esteja sempre ajudando, fazendo leitura. Eu passo e ali eu explico tudo, mostro através de gravuras, quando nós vamos escrever eu mostro tudo como deve ser escrito, começando a gente trabalha muito o próprio nome, porque é o que eles precisam, para depois do próprio nome a gente busca trabalhar o alfabeto, as vezes o surdo decodifica o nome, mas ele ali não sabe totalmente, você tem que trabalhar direito. (Professora AEE).

Damázio (2007) nos mostra que são as práticas pedagógicas que não estão adequadas para pessoas com surdez, ele menciona ainda que essas práticas devem ser repensadas para que esses alunos não acreditem que suas dificuldades sejam devido à surdez, mas sim por consequência do método de ensino.

Podemos constatar pela nossa pesquisa que os professores do AEE que trabalham na sala de recursos desta cidade não sabem Libras, seus conhecimentos são básicos sobre essa língua. A sala AEE, mais conhecida como sala de recursos, é uma sala para alunos com necessidades educacionais especiais e no caso dos surdos seria para a aprendizagem do português escrito.

Questionada sobre a função do AEE, a professora logo respondeu que a sua função é fazer com que o aluno avance na aprendizagem. Ela diz o seguinte:

Nossa função lá é fazer de tudo para que os alunos tenham êxito, para que ele avance e também a gente ajuda os professores da sala regular, a escola quando precisa estar a par de ajudar, porque eles precisam muito da gente, porque muitas vezes ele vem de uma família que está um pouco cansada, porque querem fazer tudo por eles e não é assim, eles devem dar atividades para eles, para que eles se movimentem, por exemplo, esse aluno que é surdo, a surdez dele não atrapalha, que a surdez dele não atrapalha que ele cuide do corpo dele, que ele tome banho, que escove os dentes, que ajude a mãe a fazer algo em casa, essas tarefas não impedem, cabe a mãe e ao pai, a família ensinar, porque vai ter um retorno, agora se trata como um doente não vai fazer nada, apenas ele não ouve direito. (Professora AEE).

Skiliar (2010) nos mostra que uma educação e uma escola possível é que aquela que cria possibilidades como linguísticas, de identidades, culturais e entre outras. É exatamente desse ambiente escolar que os surdos precisam, onde proporcione que o surdo se desenvolva.

A professora do AEE a seguir, inicialmente relata que se comunica com os alunos surdos através da Libras, mas ela logo se contradiz com relação à comunicação, já que ela deixa

claro que a única forma de comunicação é através da leitura labial, ela nos mostra como apresenta e ensina a Libras para os alunos.

A comunicação é através de Libras. No início a gente vai repassando através de gravuras, e a gente parte para o alfabeto em Libras, conversas. Eles observam muito os lábios da gente, cara a cara, e aí vai dando seu procedimento, primeiramente você tem que mostrar o alfabeto, na sala de recursos tem o alfabeto, aí a gente vai explorando com eles. Eu não tenho dificuldade porque eu já vou logo observando os lábios deles, eles de cara não aprendem a dinâmica de trabalhar com Libras, e aí a gente vai adaptando. (Professora AEE).

No próximo relato da mesma professora podemos observar que ela diz que o meio de comunicação do aluno surdo é por meio de gestos e para facilitar a compreensão eles utilizam os objetos como referência, para que ela compreenda o que eles querem dizer.

Não, eles não sabem, mas como eu digo a você, a gente vai trabalhando o alfabeto, vai mostrando e a partir daí vai surgindo a aprendizagem, mas é bem lenta. Quando eles chegam na escola eles se comunicam através de perguntar de uma forma que você entenda, através de gestos, por exemplo: se ele quiser beber água ele aponta para o copo, para o bebedouro, geralmente eles procuram algo para se comunicar. (Professora AEE).

Diante desses dois últimos relatos acima da professora do AEE podemos nos basear no que menciona Lacerda (2006) ele diz que as dificuldades são acarretadas por questões de linguagem, é por esse motivo que as crianças se encontram defasadas no ensino, e sem o devido conhecimento para a sua idade.

A professora do AEE relata como organiza suas atividades na sala de recursos e como é sua metodologia para o ensino e aprendizagem do aluno surdo.

A gente faz um plano semestral, eu e a coordenadora da escola ali a gente traça um perfil, então cada um tem um plano, faço um plano para cada aluno inclusive para o surdo, e nele a gente vai tirando as atividades para cada aluno, cada aluno tem a sua atividade, eu não posso dar para um aluno uma atividade que eu vejo que ele não vai acompanhar, porque geralmente cada um tem sua atividade diferente, porque o aluno que não é surdo ele identifica já as letras, ele já faz alguma coisa, você já vai passando uma tarefa de forma diferente, o surdo é com atividade visuais, para desenvolver a leitura e escrita, e também para memorizar o que está ali. (Professora AEE).

Podemos perceber nas falas dos entrevistados que todos os alunos surdos desta pesquisa têm dificuldades na aprendizagem, como leitura e escrita, produção de texto, raciocínio lógico, cálculos matemáticos entre outros. O principal motivo das dificuldades apresentadas destes alunos é a falta de uma comunicação adequada, como não fazem uso da língua de sinais, conseqüentemente não conseguem aprender os conteúdos, pela ausência de uma língua,

não tem como esse aluno compreender as mediações oralizadas pelo professor, assim dificultando seu ensino e aprendizagem.

A (mãe 4) relata que a professora falou que seu filho surdo faz as coisas pela metade e que não fica quieto. Então trazemos o seguinte questionamento: por que será que essa criança não tem atenção na aula? Será que é um mau aluno? Suponhamos que ele não é um mau aluno, mas o motivo de sua inquietação é por não estar ouvindo e entendendo o que a professora fala.

Podemos perceber nesta categoria que a professora do AEE conhece e ensina apenas o básico da Libras para os alunos surdos. Consequentemente os alunos aprendem apenas o básico que lhes é ensinado. Os alunos precisam se comunicar por meio de gestos ou até mesmo oralizar, já que não sabem a sua língua natural.

Nesta seção vimos que os estudantes surdos de Pariconha (1) não utilizam a língua de sinais e se comunicam através de gestos, mímicas e leitura labial, tanto em casa como na escola; (2) Os professores relatam que a dificuldade é por não ter comunicação, interação e consequentemente o ensino e a aprendizagem dos alunos surdos acontecem lentamente, já que não partilham de uma língua em comum. (3) Vimos que a professora do AEE sabe apenas o básico de Libras, como alfabeto manual.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pela observação dos aspectos analisados sobre nosso tema a situação linguística e educacional dos estudantes surdos da cidade de Pariconha-al, vimos durante nossa pesquisa que os surdos desta cidade não sabem Libras, desta forma se comunicam por meio de gestos, leitura labial e até mesmo oralização. Sabemos que essa forma de comunicação não é adequada para os surdos, eles necessitam da sua língua materna para seu pleno desenvolvimento. Os seus familiares e professores também não sabem Libras, não há comunidades surdas, ou seja, acabam ficando às margens da oralização. Anos atrás os surdos eram proibidos de utilizar a sua língua natural e hoje o que lhes falta é oportunidade de conhecimento sobre a sua língua, sua comunidade, sobre a sua cultura, sobre a história de seus antepassados. Os surdos passaram por muitas lutas para o reconhecimento da língua de sinais.

Podemos observar que o processo educacional e a comunicação dos surdos, são defasadas, pois as pessoas do seu convívio não conseguem se comunicar de uma forma natural, já que não tem uma língua em comum entre eles, não há professores qualificados para o ensino e aprendizagem dos surdos. O ambiente escolar deve ser um lugar em que os alunos surdos e todos os outros alunos, independentemente da sua diferença, sintam-se acolhidos, sintam que fazem parte daquele lugar, um lugar em que consigam compreendê-lo. O aluno surdo tem o direito de interagir, dialogar com seus professores, amigos e as demais pessoas deste ambiente, para que isso aconteça precisa-se de profissionais qualificados.

Vimos durante o nosso trabalho que muitos alunos surdos sentem dificuldades na comunicação, muitos se sentem excluídos por falta de uma língua, e esse é um dos motivos para que venham a evadir das escolas. Durante a pesquisa podemos perceber que os surdos não possuem deficiência e sim uma diferença, o que nos torna diferente é a distinção de uma língua, quando os surdos possuem uma língua e convive com a sua comunidade ele se desenvolve normalmente assim como qualquer ouvinte.

Esse trabalho tem o intuito de contribuir com estudos sobre a educação de surdos e a língua de sinais, já que é indispensável na vida dos surdos. Nossa pesquisa enfatiza a dura realidade dos surdos que não possuem uma língua, que não fazem parte de uma comunidade surda, que ficam às margens da língua majoritária que é a língua oral, assim acabam se comunicando por meio de gesto, leitura labial e oralização. Assim, fazer com que as pessoas percebam a importância da língua de sinais, para ter acesso a uma comunicação adequada, do quanto eles precisam de profissionais qualificados, para que proporcione ensino e aprendizagem de qualidade, assim como é de direito.

Esse trabalho nos proporcionou vários conhecimentos que fizeram com que crescêssemos academicamente e profissionalmente com relação a esse tema. Vimos durante nossa pesquisa que a comunicação e a educação dos surdos da cidade de Pariconha- AL, atualmente encontra-se com algumas dificuldades, pois os surdos, professores, familiares não compartilham de uma mesma língua. Os professores não sabem Libras, o que torna o ensino dessas pessoas um ensino mecânico, muitas vezes os alunos ficam excluídos já que professor e aluno surdo não conseguem comunicação entre eles. O professor não sabe como ensinar esses alunos porque não tiveram capacitação para esse atendimento. Um outro ponto a ser colocado é que não há tradutor interprete, ou seja, os alunos surdos estão numa escola regular no qual não atende as suas especificidades, pois é uma escola totalmente voltada para alunos ouvintes.

Essa é uma breve pesquisa sobre a língua de sinais e a educação de surdos, podemos dizer que se trata de um tema abrangente, e que pode e deve ainda ser muito estudado e explorado. Portanto, mais investigações podem ser realizadas sobre esse tema, o que tornará ainda mais visível a realidade difícil de alguns surdos.

REFERÊNCIAS

ALAGOAS 24 horas. **Maceió ganha primeira escola bilíngue para surdos do Norte-Nordeste**. 2018. Disponível em: <<http://www.alagoas24horas.com.br/1163050/maceio-ganha-primeira-escola-bilingue-para-surdos-do-norte-nordeste/>>. Acesso em: 16 jan. 2020.

BRASIL. **Decreto n. 5626 de 22 de dezembro de 2005**. Regulamenta a Lei no 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – Libras e o art. 18 da Lei no 10.098, de 19 de dezembro de 2000. Presidência da República. Brasília, 22 de dezembro de 2005. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato20042006/2005/decreto/d5626.htm>. Acesso em: 30 out. 2019.

_____. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. **Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil**, Brasília, DF, 23 dez. 1996.

_____. **Lei nº. 10.436 de 24 de abril de 2002**. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras e dá outras providências. Presidência da República. Brasília, 24 de abril de 2002. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/2002/L10436.htm> Acesso em: 08 ago. 2019.

BRITO, Jane Lindoso; SÁ, Nídia Regina Limeira De. Estudantes Surdos Na Escola Regular: Questionando o Paradigma da Inclusão. In: SÁ, Nídia de (org.). **Surdos: qual escola?** Manaus – AM: Editora Valer e Edua, 2011. p.155 - 169.

CAPOVILLA, F. C. O implante coclear em questão: benefícios e problemas, promessas e riscos. In: CAPOVILLA, F. C.; RAPHAEL, W. **Dicionário enciclopédico ilustrado trilíngue: Língua de Sinais Brasileira**. 3. ed. São Paulo: Vol. 2, Edusp, 2006. p. 1519-1546.

DAMÁZIO, Mirlene Ferreira Macedo. **Atendimento Educacional Especializado: Pessoa com Surdez**. Brasília/DF: Ministério da Educação, SEESP/SEED, 2007.

DUARTE, Rosália. **Pesquisa qualitativa: reflexões sobre trabalho de campo**. Cadernos de Pesquisa, Campinas, n.115, p. 139-154, Março/2002.

FAVORITO, Wilma. O Difícil São as Palavras: Discursos e práticas na escolarização de jovens e adultos surdos. In.: SÁ, Nídia de (org.). **Surdos: qual escola?** Manaus – AM: Editora Valer e Edua, 2011. p. 117-141.

GESSER, Audrei. **Libras? Que língua é essa?:** Crenças e preconceitos em torno da língua de sinais e da realidade surda. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GUARINELLO, Ana Cristina. **O papel do outro na escrita de sujeitos surdos**. – São Paulo: Plexus, 2007.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Censo Amostra – Pessoas com deficiência**. 2010. Disponível em: <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/al/pariconha/pesquisa/23/23612>>. Acesso em: 16 jan. 2020.

LACERDA, Cristina Broglia Feitosa de. **A Inclusão Escolar de Alunos Surdos**: o que dizem alunos, professores e intérpretes sobre esta experiência. Cad. Cedes, Campinas, vol. 26, n. 69, p. 163-184, maio/ago. 2006

MOURA, Maria Cecilia de. A Escola Bilingue para Surdos: uma realidade possível. In: SÁ, Nídia de (org.). **Surdos: qual escola?** Manaus – AM: Editora Valer e Edua, 2011. p.155 - 169.

NASCIMENTO, Kathia Cilene Santos; NASCIMENTO, Ester Fraga Vilas-Bôas Carvalho do. **Instituto Pedagógico de Apoio à Educação do Surdo em Sergipe (IPAESE)**. In: Encontro internacional de formação de professores e fórum permanente internacional de inovação educacional, 11, 12. 2017, Aracaju. Anais eletrônicos... Sergipe, 2017. Disponível em: <<https://eventos.set.edu.br/index.php/enfope/article/viewFile/9047/3751>>. Acesso em: 15 jan. 2020.

OLIVEIRA, Maria Marly de. **Como fazer pesquisa qualitativa**. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

PERLIN, Gladis. Identidades Surdas. In: SKLIAR, Carlos (Org.). **A Surdez: um olhar sobre as diferenças**. 4ª. ed. Porto Alegre: Editora Mediação, 2010.

QUADROS, Ronice Muller de. **Educação de surdos: a aquisição da linguagem**. – Porto Alegre: Artmed, 1997.

QUADROS, Ronice Muller de; Karnopp, Lodenir Becker. **Língua de sinais brasileira: estudos linguísticos**. Porto Alegre: Artmed, 2004.

ROSA, Emiliana Faria. Educação de surdos: Entre a realidade e a utopia. In: SÁ, Nídia de (org.). **Surdos: qual escola?** Manaus – AM: Editora Valer e Edua, 2011. p. 141-155.

SANTANA, Ana Paula. **Surdez e Linguagem: aspectos e implicações neolinguísticas**. São Paulo: Plexus, 2007.

SKLIAR, Carlos de (org.). **A surdez: um olhar sobre as diferenças**. 4. ed. Porto Alegre: Editora Mediação, 2010

VILELA, Cristiano Neves. O papel da disciplina Libras frente a representações sociais negativas sobre os surdos em cidades do interior. **Rios Eletrônica (FASETE)**, v. 21, p. 64, 2019.

APÊNDICES

APÊNDICE A – DOCUMENTO

Modelo de termo de consentimento e livre esclarecimento



UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS – CAMPUS DO SERTÃO
LICENCIATURA EM PEDAGOGIA

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Convidamos o (a) Sr (a) _____ para participar da pesquisa intitulada: A importância da língua de sinais para o desenvolvimento da pessoa surda, e qual a situação linguística e educacional dos surdos da cidade de Pariconha, sob a responsabilidade da pesquisadora Cidilaine Carvalho da Silva, que pretende descobrir como os alunos surdos das escolas Públicas do Município de Pariconha se comunicam, se é através da língua de sinais, por meio de gestos caseiros ou outro. Sua participação é voluntária e se dará por meio de entrevistas direcionadas a dois grupos de participante: (1) Família de surdos que estudam na rede municipal de Pariconha, e (2) Professores que ensinam estes alunos ou que tiveram ou tem contato com alunos surdos. As entrevistas serão gravadas e transcritas. As identidades dos entrevistados não serão divulgadas e as gravações serão destruídas após 6 (seis) meses de conclusão da pesquisa. Talvez a sua participação na pesquisa possa gerar alguma espécie de desconforto por compartilhar informações pessoais ou confidenciais, ou haja constrangimento em alguns tópicos em que se sinta incomodado (a) em falar. Mas, como prevemos a preservação da identidade dos entrevistados, esses problemas serão minimizados. Se você aceitar participar, contribuirá para entendermos como os surdos de Pariconha se comunicam, qual a importância da língua de sinais e qual a situação educacional dessas pessoas. Se depois de consentir em sua participação o (a) Sr (a) desistir de continuar participando, tem o direito e a liberdade de retirar seu consentimento em qualquer fase da pesquisa, seja antes ou depois da coleta dos dados, independente do motivo e sem nenhum prejuízo a sua pessoa. O (a) Sr (a) não terá nenhuma despesa e também não receberá nenhuma remuneração. Os resultados da pesquisa serão analisados e publicados. Na publicação, sua identidade também não será divulgada, sendo guardada em sigilo. Para qualquer outra informação, o (a) Sr (a) poderá entrar em contato com a pesquisadora no endereço: Rua Manuel de S/N, Pariconha-AL, CEP 57475-000, pelo telefone (82) 98127-4153 ou pelo e-mail Cidilaine56@Gmail.com.

Consentimento Pós-Informação

Eu, _____, fui informado (a) sobre o que o pesquisador quer fazer e porque precisa da minha colaboração, e

entendi a explicação. Por isso, eu concordo em participar do projeto, sabendo que não vou ganhar nada e que posso sair quando quiser.

Este documento é emitido em duas vias que serão ambas assinadas por mim e pelo pesquisador, ficando uma via com cada um de nós.

_____ Data: ____/____/____

Assinatura do pesquisador

Assinatura do participante

**APÊNDICE B - ROTEIRO DE ENTREVISTA COM OS FAMILIARES DOS
SURDOS**

1. Como vocês se comunicam com ele (a)?
2. Vocês conhecem a Libras?
3. Ele (a) entende visualmente o que vocês falam?
4. Vocês sabem o alfabeto manual?
5. Ele ou ela escuta alguma coisa ou não escuta nada?
6. Já nasceu surdo?
7. Como descobriu que era surdo?
8. Como ficou ao saber que era surdo?
9. Tem alguma dificuldade em compreender o que ela quer dizer?
10. Ele ou ela tem dificuldade na escola?
11. Você acha que a ausência de uma língua pode prejudicar o futuro do seu filho (a)?

APÊNDICE C - ROTEIRO DE ENTREVISTA COM PROFESSORES DOS ALUNOS SURDOS

1. Como é a comunicação com o aluno surdo? Tem alguma dificuldade em compreendê-lo?
2. Você conhece a Libras?
3. Os surdos desta escola sabem Libras? Se não como que eles se comunicam?
4. Você acha que tem algum método de ensino que seja eficiente para o ensino e aprendizagem dos surdos?
5. Você acha que as escolas de Pariconha estão preparadas para receber alunos surdos?
6. Você pode dizer quais as dificuldades que os professores que não sabem a libras enfrentam para ensinar os surdos?
7. Os alunos surdos tem dificuldades para executar as atividades?
8. Os surdos que você ensina ou já ensinou são alfabetizados?
9. Você acha que por ter uma falta de comunicação os alunos surdos estão em desvantagens na aprendizagem em relação as crianças ouvintes?
10. Você acha que o ensino regular é adequado para o surdo?
11. Qual é a atividade da sala do AEE?
12. Qual a função do AEE?

Obs: essas duas últimas perguntas são apenas para a professora do AEE.

APÊNDICE D - DIÁRIO DAS ENTREVISTAS

A primeira entrevista aconteceu no dia 16 de setembro numa segunda-feira, na casa da primeira família. Chegando na residência, logo fomos recebidos pela (mãe 2), onde recebeu com muita educação, convidando para entrar em sua residência. Apresentamo-nos para ela dizendo sermos docentes da Universidade Federal de Alagoas (UFAL), que a nossa presença era por motivos de que estávamos realizando uma pesquisa para o trabalho de conclusão do curso de licenciatura em Pedagogia. Falamos que o tema era sobre surdos, então ela gentilmente pediu para que adentrássemos em sua residência, sem que solicitássemos. A mãe foi logo chamando sua filha para participar da entrevista. Logo, a menina que é surda, já veio nos recebendo com um belo sorriso, tímida, sentou-se ao nosso lado. Antes da entrevista perguntamos se poderíamos gravar a conversa para posteriormente ser realizado a transcrição, ela disse que poderia. Falamos sobre o termo em que ela teria que assinar, esclarecemos o motivo da sua assinatura no termo.

No dia 17 de setembro numa terça-feira a entrevista foi realizada na escola do povoado Marcação, para obtermos informações relacionadas ao endereço da (mãe 4), onde mora um menino surdo de 7 anos que estuda no 1º ano. Ainda pela manhã fomos à escola, recebidos com muita educação pela diretora, levando-nos para a sua sala, lá falou um pouco desse aluno surdo, mostrou como chegaríamos na residência dessa criança. Chegando na residência logo nos deparamos com o pai que estava na área externa da casa, desconfiado, logo perguntou o motivo da nossa presença, apresentamo-nos, explicamos que se tratava de uma pesquisa de campo, então ele pediu que chamássemos por sua esposa que estava dentro da residência, chamamos umas três vezes e na quarta ela atendeu. Apresentamo-nos para a mãe do menino surdo. Inicialmente parecia um pouco desconfiada com nossa presença, explicamos o que nos levou até sua casa, a mesma relatou que estava apressada, então falamos que tomaríamos apenas um pouco de seu tempo ou se ela preferisse poderíamos ir em um outro horário, mas ela logo disse que poderia responder a entrevista. A entrevista foi realizada na área externa da sua casa. Perguntamos se poderíamos gravar toda conversa, ela pareceu um tanto tímida, mas lhe foi dito que seu nome não seria exposto, e que a gravação era apenas para transcrever, então ela permitiu, assim que ligamos o celular para gravar, a criança surda chegou toda sorridente, estranhamos a sua presença já que pensávamos que se encontrava na escola, pois era o horário de sua aula, logo a mãe disse que ele não tinha ido para aula. Percebemos que ele estava usando aparelho auditivo. Como ele estava com o celular muito alto ela pediu para que ele

desligasse, para não atrapalhar a entrevista. Ao fim da entrevista a mãe assinou o documento TCLE.

No dia 18 de setembro, numa quarta-feira, no povoado Campinhos foi realizada uma entrevista com duas famílias de alunos surdos, como não sabíamos onde se localizavam suas residências, fomos à escola para obtermos informações sobre os endereços, chegando na escola quem nos recebeu foi o vigia da escola, então nos levou a sala da diretora, a mesma nos recebeu com muita educação, falamos o motivo da nossa presença, então logo mostrou a ficha dos alunos, a mesa disse que os alunos surdos estudavam à tarde, como as ruas do povoado não tem endereço, ela mesma indicou a casa de um dos alunos. A casa do outro era mais distante, então ela pediu a uma criança de mais ou menos 12 anos que estava sentada próximo à escola, que nos levasse a casa do outro aluno surdo, agradecemos a diretora e fomos com o menino até a casa. Chegando na primeira residência fomos recebidos pela mãe e pelo menino surdo, que tem 12 anos de idade, a todo tempo ele estava ao lado da sua mãe curioso para saber, o porquê da nossa presença. Quando chegamos eles estavam no quintal da residência fazendo os serviços domésticos, a mãe nos recebeu toda sorridente, pediu desculpas porque sua mão estava suja, devido aos serviços domésticos, falamos que não tinha problema. Explicamos para ela o motivo da nossa ida a sua residência, que se tratava de uma pesquisa de campo com pessoas surdas, então ela logo nos chamou para que entrássemos e sentássemos no sofá, perguntamos se ela só tinha ele de filho e ela disse que tinha mais duas filhas. Perguntado se poderia gravar a nossa conversa para que fosse feita a transcrição, ela imediatamente permitiu.

Terminada a entrevista pedimos para que ela assinasse o termo de consentimento, muito gentil sorriu e disse: “assino sim”, então ela assinou, agradecemos por sua gentileza e seguimos para a casa da outra família, da (mãe 1) chegando lá chamamos por média de 20 minutos, mas ninguém nos atendeu, então retornamos horas depois, novamente chamamos, parecia não haver ninguém, então perguntamos para vizinhos ao lado se havia alguém dentro da casa, assim um homem logo se dispôs a chamar, foi aí que o irmão do menino surdo apareceu e disse que tinha acabado de chegar da roça, e que estava sozinho, pois sua mãe estava na casa de sua avó, assim ele nos mostrou como chegar até lá, chegando na residência estavam quebrando castanhas para levar para a família que mora em São Paulo-SP. Fomos recebidos com gentileza e educação, a avó logo pediu que entrássemos, lá estava a irmã, a tia, a mãe e a prima ainda bebê deitada numa rede. A Mãe perguntou do que se tratava a nossa presença, então explicamos que se tratava de uma pesquisa de campo. Muito tímida e receosa a mãe pediu para que sua filha respondesse, alegando que não sabia responder, então falamos que se

tratava de algo simples, já que era sobre a vivência com seu filho, assim aceitou ser entrevistada, perguntado se poderia gravar a conversa, ela disse rindo que não, que tinha a voz feia e tinha vergonha, para confortá-la dissemos que seu áudio não seria exposto e seria utilizado apenas para transcrição e sua identidade não seria divulgada, pensou um pouco até aceitar. Terminada as perguntas a mãe assinou o documento (TCLE).

No dia 04 de dezembro, numa terça-feira, fomos à escola municipal de educação básica de Pariconha. Entrando na escola, o vigia perguntou com quem queríamos falar, falamos que gostaríamos de falar com a diretora, então ele disse que ela estava na sala da diretoria. Chegando na sala quem estava era a vice-diretora, receptiva, perguntou no que poderia nos ajudar. Pedimos então o quadro de professores do 8º ano que já foram professores da menina surda. Como os professores estavam atarefados por conta das aulas, ela disponibilizou o contato de todos os professores para que pudéssemos falar em um outro horário. No mesmo dia entramos em contato por meio do aplicativo de mensagens com 3 professoras, 2 responderam dizendo que poderiam nos conceder a entrevista no dia seguinte, que seria quarta-feira à tarde.

No dia 05 de dezembro, numa quarta-feira, às 14h00min, agora na escola de Campinhos, quem nos recebeu foi o coordenador, que disponibilizou a lista dos professores do 6º ano e 8º ano que são professores dos alunos surdos, concedendo também o contato de telefone. Fomos à sala do (professor A) que é professor de Matemática, o mesmo ensina do 6º ao 8º ano. Ele pediu para que aguardássemos até 15h00min, porque era o horário de encerramento da aula. Na entrevista o professor se mostrou nervoso, pedimos para gravar, ele disse que não queria, pois talvez não soubesse responder as questões, para tranquilizá-lo foi dito que seu nome seria substituído por um nome fictício, para que sua identidade não fosse revelada, e a gravação era apenas para a transcrição das suas respostas, mais confortável ele disse que poderíamos mas pediu sigilo da sua identidade. A entrevista foi realizada em uma sala de aula vazia. Terminada a entrevista assinou o termo de consentimento.

Depois dessa entrevista fomos à residência da (professora D) que leciona Português e Artes, no 6º ano e Ciências para o 8º ano, a mesma estava em um outro trabalho na escola estadual de Pariconha, chegando lá perguntamos se a mesma poderia nos conceder uma entrevista para trabalho de campo, então falou que poderia, direcionou-nos para uma sala porque era mais reservado, não tinha tanto barulho, ela se mostrou tranquila e disposta a ajudar na pesquisa. Ao final da entrevista ela continuou falando, mas essa parte não foi gravada, ela falou sobre o não investimento do governo, porque se o governo investisse na formação de professores o ensino para esses alunos melhoraria.

Posteriormente a essa entrevista fomos fazer entrevista com uma professora de Ciências do 8º ano, (Professora B), agora da escola municipal de Pariconha, essa entrevista foi marcada por mensagem de texto no dia anterior, assim a mesma ligou para dizer que estaria disponível naquele horário 17h00min., fomos ao encontro dela que ainda estava na escola, a entrevista foi realizada em sua sala de aula, porque seria um lugar mais tranquilo, já que foi um horário que os alunos já teriam ido embora, ela se mostrou tranquila e atenciosa, respondendo todas as perguntas.

Nesse mesmo dia à noite, a entrevista foi realizada com a (Professora F) de Ensino Religioso e Inglês, que ensina do 6º ao 9º ano, ela tinha pedido no dia anterior na escola para que fossemos entrevistar naquela data e horário que era por volta das 19h00min. Chegando a sua casa ela foi receptiva pediu para que entrássemos. Ela se mostrou tranquila em toda entrevista.

No dia 11 de dezembro, numa quarta-feira, fomos ao encontro da (Professora C), pois havíamos entrado em contato com a mesma nos dias anteriores, como ela além de ser professora também é coordenadora do programa (PSE- PROGRAMA saúde na escola) e na escola em que dar aula é professora de Geografia e História, onde ensina do 6º ao 9º ano. Ela mandou mensagem dizendo que naquele dia estaria na secretaria de educação em que trabalha, então às 11h00min. foi realizada a entrevista, a mesma foi muito educada, mostrou conhecer um pouco sobre a realidade de vida dos surdos, preocupada com o futuro desses alunos, sua expressão transparecia estar emocionada em algumas falas.

No dia 12 de dezembro, numa quinta-feira de manhã, fomos à casa da (Professora E) que dar aula do 6º ao 9º as disciplinas: Inglês, Ensino Religioso e História, no povoado Campinhos. É formada em Letras e Inglês. Vale ressaltar que a mesma nos recebeu com muita satisfação em sua casa, muita educação, e não hesitou em conceder e responder às devidas perguntas da entrevista.

Posteriormente sentindo a necessidade de entrevistar uma professora do AEE, fomos à casa de uma professora de leciona no AEE, chegando em sua residência ela nos recebeu com gentileza e educação. Explicamos o motivo da presença, que estávamos fazendo uma pesquisa de campo, que o tema era alunos surdos, ela rapidamente se dispôs a responder. Ela se mostrou tranquila em todas as respostas.

Todos os entrevistados assinaram o termo de consentimento, todas as entrevistas foram transcritas e devidamente organizadas para sua utilização neste trabalho.